

A SENHORA APARECIDA

O relato
verídico
sobre a
"aparição
da santa"

22ª
edição



EG
Editorial Gráfico

DR. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS
(EX-PADRE)

A Senhora Aparecida

A SENHORA APARECIDA

A verdadeira história

por

Aníbal Pereira dos Reis
ex-sacerdote católico romano

**"...porque os costumes dos povos são vaidade;
pois cortam do bosque um madeiro,
obra das mãos do artífice, com o machado;
com prata e ouro o enfeitam,
com pregos e martelos o fixam,
para que não oscile.
Os ídolos são como um espantalho em pepinal,
e não podem falar;
necessitam que quem os leve,
porquanto não podem andar.
Não tendes receio deles,
pois não podem fazer mal,
e não está neles o fazer o bem."**

Jeremias 10:1-5

**ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É UM ATAQUE OU DESRESPEITO
ÀS PESSOAS QUE PROFESSAM O CATOLICISMO ROMANO ...**

...mas sim um serviço de utilidade pública,
trazendo à luz verdades comprovadas
acerca da manipulação exercida sobre o povo brasileiro,
que tem o direito de saber dos fatos ocorridos
e que ocorrem nos bastidores e que por escusos interesses,
TENTA-SE POR TODOS OS MEIOS IMPEDIR A SUA DIVULGAÇÃO

Conteúdo:

Prefácio

Capítulo 1 - DEVOTO DA SENHORA APARECIDA

Capítulo 2 - FUI UM PADRE DEVOTO DA SENHORA APARECIDA

Capítulo 3 - NEM A GANÂNCIA, META PRIMORDIAL DOS CLÉRIGOS
"APARECIDÍCIOS" ME ABRIU OS OLHOS

Capítulo 4 - A SURPREENDENTE REVELAÇÃO

Capítulo 5 - A VERDADEIRA HISTÓRIA DA SENHORA APARECIDA

Capítulo 6 - A RAZÃO DO NOVO SURTO DO "APARECIDISMO"

Capítulo 7 - A SANTACAP, "CAPITAL MARIANA" DO PAÍS

Capítulo 8 - A ROSA DE OURO

Capítulo 9 - A SANTACAP, CENTRO DE TURISMO

Capítulo 10 - OS MILAGRES DE APARECIDA

PREFÁCIO da 10ª edição

No dia 24 de junho de 1967 apresentei este livro ao público brasileiro com as seguintes palavras:

"A passagem do 250º aniversário da Senhora Aparecida" oferece ao clero romano uma outra oportunidade para neste ano de 1967, recrudescer a propaganda de sua seita neste país infelicitado pelos seus embustes. Proporciona-me outrossim o feliz ensejo de apresentar aos meus patrícios o relato verdadeiro sobre a 'aparição da santa'. Sentir-me-ei recompensado pelo fato de poder contribuir assim com o esforço do nosso povo no sentido de sua emancipação religiosa."

Com efeito, cumulou-me Deus com muitas recompensas a autoria destas páginas. Reconheço-me compensado pelas inúmeras pessoas que, ao lerem-nas, libertaram-se do embuste. Compensado pelas centenas e centenas de almas que, libertas da aparecidolatria em resultado de sua leitura, se renderam a Jesus Cristo e por Ele foram salvas. Compensado pelos sofrimentos a mim impostos da parte dos interessados em usufruir as rendas produzidas com a exploração da Senhora Aparecida, como aconteceu a Paulo Apóstolo quando, em Éfeso, a Verdade do Evangelho punha em perigo o lucro dos fabricantes de imagens da Senhora Diana e dos promotores da dianolatria.

O meu grande título de glória reside nesses sofrimentos. E a sofrer mais me disponho conquanto isso resulte na promoção do Nome Sacrossanto de Jesus Cristo e na salvação das almas.

Este livro, cuja 10ª. edição agora sai a lume, todo refundido e recheado de novos fatos, é de uma atualidade permanente porque o aparecidismo prossegue em seu nefasto programa de iludir os ingênuos e estimular a idolatria com a sua seqüência de horrores. O simples relato do episódio da "descoberta" da imagem e a exposição de alguns dentre os muitos fatos vinculados à Aparecida são chocantes em sua contundência.

Daí a oportunidade deste livro. Aliás, a Aparecida demonstra de maneira gritante ser o catolicismo romano o mesmo de sempre. E refratário a qualquer substancial transformação, apesar de propalados intentos renovadores do Concílio Ecumênico Vaticano II. E Aparecida não se constitui em anomalia num organismo em renovação. Aparecida, conforme demonstram o interesse da hierarquia episcopal em seu favor, a construção da sua enorme basílica e a munificência pontifícia de Paulo VI ao lhe enviar, através de um cardeal, seu legado "a latere", a ROSA DE OURO, nas comemorações do jubileu de 1967, Aparecida se integra soberana na estrutura do catolicismo romano, que é sempre o mesmo na sua pertinácia antievangélica e idólatra.

Atual e oportuno continua este livro. A sua 10ª. edição prosseguirá a tarefa de disseminá-lo Brasil afora. E Deus continuará a abençoá-lo como instrumento de Sua Misericórdia em benefício das almas para libertá-las do pecado e da iniquidade da idolatria.

Dr. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS – ex-Sacerdote Católico Romano
Araçatuba, 26 de setembro de 1974.

1. DEVOTO DA SENHORA APARECIDA

No clima profundamente religioso de minha família, aprendi, desde muito criança, a ser ardente devoto da Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, segundo pretende o clero. Como bons católicos, enviaram-me meus pais, aos seis anos de idade, ao catecismo paroquial na igreja-matriz de São Joaquim da Barra (Estado de São Paulo), minha terra natal.

Lembro-me perfeitamente. Foi no último domingo do mês de maio de 1931. Nossa aula de catecismo terminara mais cedo, antes das 3 horas, por causa da procissão do encerramento de Maio, o "Mês de Nossa Senhora"...

Sob a celeuma da enorme azáfama revoavam as naves do templo. As "Filhas de Maria" davam os retoques finais nos andores. O de "São" Benedito, todo de amarelo, deveria sair: – "onde já se viu procissão sem a sua presença?". O de "São" Sebastião, que só saía em sua festa, em janeiro, neste ano desfilaria no encalço dos outros em cumprimento de uma promessa de um dos Junqueira, família abastada da região. O da Imaculada Conceição estava sendo ornamentado na casa de Dona Sara, a presidente da Pia União das Filhas de Maria. Iríamos vê-lo na procissão. Reinava irrequieta curiosidade na expectativa de uma grande e agradável surpresa. A imagem precisava ser mesmo um deslumbramento porque seria coroada ao final da procissão, sob a chuva intensa de multicoloridos fogos de artifício.

Raríssimamente nosso vigário, o padre Eugênio, aparecia no catecismo. Aos domingos à tarde, o seu grande compromisso se resumia em, cervejando, jogar baralho no bar do Paulo Trombini, ao lado do cinema local. Naquele dia ele foi. Insofrido, depois de haver explicado que cada país, cada estado, cada cidade tem um santo protetor, contou-nos que o papa declarara "Nossa Senhora Aparecida", padroeira do Brasil. Elucidou, ainda, que Maria "Santíssima" é uma só e que as diversas e muitas denominações a ela atribuídas não supõem diversas "nossas senhoras". É uma só! Tendo, porém, se manifestado em Lourdes, é chamada "Nossa Senhora de Lourdes"; tendo aparecido em Fátima é dita "Nossa Senhora de Fátima", etc. Relatou-nos, também como apareceu "Nossa Senhora Aparecida" no Rio Paraíba. Explicou que o Rio Paraíba não ficava no Estado desse nome, porém, sim no Estado de São Paulo. Informou-nos, ainda na sua pressa, que no dia 31 daquele mesmo mês de maio, no Rio de Janeiro, a então Capital da

República, haveria uma grande festa, com a presença de todos os bispos do País, para coroar rainha do Brasil a "Senhora Aparecida".

Lembro-me outrossim do meu encantamento quando na procissão, vi o andor dessa Senhora, o mais lindo de todos. Todo iluminado, ornamentado de lantejoulas e ladeado de duas bandeiras e rodeado de pajens trajados de veludo azul. E a imagem sobre o globo terrestre onde apareciam os contornos do mapa de nossa Pátria. No sermão, o padre convidou os fiéis para assistirem à missa do dia 31 em regozijo pelas solenidades a se darem no Rio de Janeiro, oportunidade em que, a propósito, informou, contaria os fatos relacionados com a aparição da "miraculosa Santa".

Com efeito, nesse dia, relatou: – Certa ocasião, o Governador da Capitania de São Paulo, Conde de Assumar, em viagem para Minas Gerais, pernitoou em Guaratinguetá, no Norte do nosso Estado. Então a Câmara local decidiu oferecer-lhe um banquete com uma grande variedade de pratos à base de peixe. À ordem dada pela Câmara, os três pescadores, Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso foram ao Rio Paraíba, em cuja margem direita se localiza a cidade de Guaratinguetá. Principiaram as suas tentativas de pesca no Porto de José Corrêa Leite, descendo até o Porto de Itaguassu, onde João Alves, ao lançar sua rede, colheu, entre alguns peixes, o corpo de uma imagem, sem cabeça. E, ao repetir a operação mais abaixo, estupefato, verificou, envolta nos fios da tarrafa, a cabeça da estátua.

Os esforços, antes improfícuos, tornaram-se compensados com o êxito de abundante pescaria. A cabeça ajustou-se exatamente ao corpo da imagem e, maravilhados, os pescadores viram ambas as partes colarem-se fixamente, apenas encostadas. Foram os dois primeiros milagres da "Senhora Aparecida" no Rio Paraíba, aos 13 de outubro de 1717.

E prosseguiu o vigário no seu conto:

– Felipe Pedroso, piedosamente, levou o achado para a sua casa, onde o conservou pelo espaço de seis anos. Muita gente da redondeza ia, especialmente aos sábados, rezar diante do oratório. Muitos "milagres" aconteciam e a devoção se divulgou. Em 1743, construiu-se uma capela. Em 1846, iniciaram-se as obras de construção de um templo mais vasto, concluídas em Dezembro de 1888 e permanecem na atual basílica.

Findo o seu conto, o nosso vigário conclamou todos os fiéis presentes a se prostrarem ajoelhados para, em uníssono, repetirem uma reza à Senhora Aparecida coroada, naquela hora, lá no Rio de Janeiro, padroeira e rainha do Brasil: – *"Escolhendo por essencial padroeira e advogada da nossa Pátria, nós queremos que ela seja inteiramente Vossa. Vossa sua natureza sem par, Vossas as suas riquezas, Vossos os campos e as montanhas, os vales e os rios. Vossa a sociedade, Vossos os lares e seus habitantes, com seus corações e tudo o que eles têm e possuem; Vosso, enfim, é todo o Brasil... Por Vossa intercessão, temos recebido todos os bens das mãos de Deus e todos os bens esperamos ainda e sempre, por Vossa intercessão..."*

Demonstra essa fórmula, ainda outra vez, a abismal distância entre o Evangelho e o catolicismo...

Durante os anos do meu curso primário, sempre assisti e participei de comemorações de nossas datas nacionais, em cujos programas sempre se acentuou a Aparecida. Para mim, ser devoto da Senhora Aparecida era condição indispensável para ser bom brasileiro. Concluído o curso ginásial, fui para Campinas (Estado de São Paulo) estudar no Seminário Diocesano "Nossa Senhora Aparecida", onde não se ouvia um sermão sem que ela fosse mencionada. A jaculatória: "Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós", repetia-se ao final de cada dezena do rosário desfiado na enfadonha repetição da "Ave Maria" defronte do altar-mor da capela encimado com a sua imagem.

Aconteceu em setembro de 1942 o IV Congresso Eucarístico Nacional, em São Paulo. A Senhora Aparecida foi intitulada "peregrina do Congresso". Programou-se o comparecimento da VERDADEIRA IMAGEM. Então, certa noite, o diretor do Seminário foi à capela pedir rezas para que ela ficasse em São Paulo também durante os dias do Congresso. E, depois de haver eu ouvido pela centésima vez o relato de sua aparição, o padre, naquela oportunidade, com o intuito de elucidar os seus receios, destacou este pormenor: – Depois de aparecida, os pescadores levaram a imagem para a casa de um deles, Felipe Pedroso, onde ficou alguns anos. Numa manhã, a família espantada deu pela falta da "santa". Ansiosos, todos foram procurá-la. Encontraram-na, depois de tanta angústia, no alto da colina. Levaram-na, de novo, para o seu altazinho antigo, na casa do pescador. Poucas noites seguintes, repetiu-se o incidente. Desconfiaram os devotos que a Senhora queria ficar numa igreja construída no alto do morro.

Vieram as contribuições, a capelinha foi edificada e a imagem entronizada em seu altar, donde saíra uma única vez, em maio de 1931, quando fora levada ao Rio de Janeiro para ser coroada rainha e padroeira do Brasil. A história de imagens fujonas, por carência de imaginação da parte do clero, se repete, como no caso da Penha, no Estado do Espírito Santo e no Rio de Janeiro, e no Rocio, no Paraná. Pobreza idêntica ocorre na aparição de tantas "Senhoras" a envolver, num fastidioso plágio, crianças subnutridas e anormais, como em Lourdes, Salet e Fátima.

Receava-se agora, esclarecido pelo padre, que "Nossa Senhora", durante a noite voasse de São Paulo para a sua basílica em Aparecida do Norte. Pedia-nos rezas e mortificações para que a "santa peregrina" se dignasse permanecer na Capital Paulista durante os dias do Congresso Eucarístico. Fervoroso devoto, rezei muitos rosários e fiz muitos "sacrifícios" nessa intenção.

A recepção da imagem aparecida constituiu-se numa das mais pomposas festividades daquele congresso, cuja imponência se constata pelo milhão de pessoas a acompanhar a procissão do seu encerramento, quando a população de São Paulo ainda se encontrava aquém daquela quantidade de gente. Conduzia-se processionalmente a estátua da "peregrina" todas as noites, da catedral da Praça da

Sé, onde fora entronizada, para o Vale do Anhangabau, com o fim de presidir as sessões solenes. Essas procissões, sem terem sido incorporadas no programa oficial das comemorações eucarísticas, se transformaram em alvoroçadas apoteoses.

Retornava a imagem, em seguida, para receber as homenagens das multidões a se revezarem dia e noite. O povo devoto permanecia ali aos pés da "santa peregrina" no desígnio de venerá-la condignamente porque – supunha-se – satisfeita permaneceria em São Paulo até ao fim das solenidades.

A imagem ficou. Foi exaltada em extremo. O Congresso programado para ser eucarístico, acabou sendo "aparecídico". Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, cognominado "o arcebispo de Nossa Senhora Aparecida", a confirmar o mérito desta alcunha, erigiu, na Várzea do Ipiranga, uma nova paróquia dedicada a essa senhora. Mas, qual não foi o nosso desapontamento ao sabermos o engodo: a verdadeira imagem não viera a São Paulo! Recebera-mos apenas um fac-símile! Encerradas as festividades do Congresso, fora entregue à recém instalada paróquia! Alguns seminaristas se revoltaram e se julgaram vítimas de um ludíbrio.

– Rezamos tanto diante daquela imagem, supondo-a A VERDADEIRA...

Conformei-me por estar convicto de que o povo não merecia sua "augusta" presença... E porque "as autoridades eclesásticas agiram com prudência"...

Afinal, todas essas circunstâncias suscitaram em minha alma um afeto entranhado à padroeira do Brasil...

2. FUI UM PADRE DEVOTO DA SENHORA APARECIDA

Ao ordenar-me padre, em 1949, senti-me no dever de ir à sua basílica cantar uma missa, por sinal a segunda porque cantara a primeira em minha terra natal. Nesse ensejo, adquiri uma sua imagem, fac-símile, benta pelo padre superior do convento, destinada por mim a me servir de companhia e penhor constante das bênçãos celestiais em favor do meu sacerdócio. Entranhadamente devoto da Senhora Aparecida, oferecia, como presente, uma sua imagem fac-símile, a todas as noivas por mim abençoadas no casamento.

Completados dez anos de sacerdócio, recebi, como uma verdadeira promoção, minha transferência para Guaratinguetá, a cidade mais próxima de Aparecida. Localizada à margem direita do Rio Paraíba, no Estado de São Paulo, Guaratinguetá, dista, pela Via Dutra, aproximadamente, 220 km do Rio de Janeiro, 185 de São Paulo e 8 de Aparecida.

Fui nomeado pároco da novel paróquia de "Nossa Senhora da Glória", no Bairro do Pedregulho. Sua igreja, que de tão pequena, o povo a cognominara de "igrejinha", não oferecia condições para, realmente, ser uma matriz paroquial. Decidi, por isso, construir um vasto templo. Constituí-a-me imensa prerrogativa edificar essa obra consagrada à Virgem Maria, e sonhava com um templo majestoso erguido naquele outeiro do Pedregulho a olhar a "Basílica Nacional da Padroeira", plantada na colina de Aparecida. Lá do alto da torre da minha matriz, fiquei muitas vezes a contemplar a "Basílica da Rainha do Brasil"...

Eu odiava os evangélicos, aos quais chamava de hereges por combaterem "Nossa Senhora".

Nesse tempo, apareceu lá em Guaratinguetá, um pastor. No seu desejo de esclarecer o povo, contratou, numa das emissoras radiofônicas locais, um horário para um programa evangélico. Muitos católicos se descontentaram com as suas explicações. Um meu colega, o clérigo Oswaldo Bindão, no seu programa de rádio, decidiu responder ao pastor.

Estabelecida a polêmica, a cidade inteira se transformou em estádio para assistir a contenda. O coitado do padre pediu água em menos de uma semana.

Evidentemente, qualquer jovem das nossas Escolas Bíblicas Dominicais, com a Bíblia na mão, põe qualquer padre a correr. Nós, os padres em Guaratinguetá, estávamos acuados, arrasados, com o fracasso do colega! E na certeza absoluta de que, se qualquer um de nós fosse responder ao pastor, cairíamos no mesmo ridículo.

O Pastor João de Deus Soares prosseguia dando os seus esclarecimentos. Nessas alturas, o assunto girava em torno de Maria, de cuja face o pregador retirava toda a caiação ignóbil que à Mãe de Jesus impôs o catolicismo ao longo dos tempos. Naquela oportunidade, encerrara eu, com uma retumbante procissão, as festividades da padroeira da minha paróquia. O Pastor Evangélico botou água na fervura do meu entusiasmo, criticando o meu desfile mariano e citando Isaías (45:20). Transtornei-me de cólera!

Noutro dia, o Pastor resolveu apresentar aos seus radiouvintes os pontos coincidentes entre a Diana dos efésios e a Aparecida dos brasileiros, à luz do relato de Atos dos Apóstolos 19:23-41. Nós não tínhamos força de argumento. E o jeito foi apelar para o argumento da força! E se demorássemos, perderíamos muitos dos nossos melhores fiéis... A mentira, a calúnia, o achincalhe são os melhores argumentos para os covardes sem argumento. Incumbiram-me de resolver o problema. Apelei para a violência, comandando um batalhão de fanáticos. E, em menos de uma hora, num domingo à noite, foi

destruído inteiramente, o templo do Pastor João de Deus Soares, lotado de pessoas participantes do culto. A Senhora Aparecida deve-me também este favor!

No dia imediato, no programa "Marreta na Bigorna", da Rádio Aparecida, o clérigo Galvão, desatou uma gargalhada satânica e parabenizou os católicos de Guaratinguetá pela façanha... O arcebispo de São Paulo, congratulou-se vivamente comigo e, horas após o nosso encontro, declarou, por um grande jornal de São Paulo, que lamentava os fatos ocorridos em Guaratinguetá!

***O clero católico é a hierarquia dos homens de duas caras!!!
Dos refohados!!!***

Estreitíssimas mais ainda se tornaram minhas relações com os padres responsáveis pela basílica de Aparecida, em cujo convento se fabricava, exclusivamente para o consumo interno, cerveja mui apreciada entre os reverendos. No trato com os clérigos seculares, constatei a falta de amor fraterno entre eles. Supunha, todavia, que houvesse entre os regulares ou conventuais, como os franciscanos, jesuítas, dominicanos, salesianos, redentoristas. Engano! Entre estes últimos, que são os responsáveis pela basílica e de quem mais me aproximei, acontece a mesma carência, senão pior.

Lá dentro do seu convento, ao lado da "rainha" do Brasil, os padres se estracinham com ódio extremado. Os apelidos são os mais humilhantes. Havia lá o "padre Tortinho", o "padre Marreta", o "padre Aventura", o "padre Zoraide", o "Madame Fifi"... E de cada um havia um motivo especial indicado pelo próprio vocábulo...

3. NEM A GANÂNCIA, META PRIMORDIAL DOS CLÉRIGOS APARECÍDICOS" ME ABRIU OS OLHOS...

Sentia, outrossim, a frieza espiritual naquele ambiente de clérigos, profissionais da religião. Sempre os vi tratando das coisas de sua seita com ganância sórdida. Só lhes interessava o que dá lucro. A respeito de qualquer assunto, a pergunta é sempre esta: – Quanto rende? – acompanhada do sinal característico de se friccionarem as pontas dos dedos polegar e indicador. E fazem praça disso até na sua emissora. Certa feita, chegou uma carta, perguntando sobre as riquezas da Senhora Aparecida. Respondeu-a Victor Coelho de Almeida, no seu programa radiofônico: – "Sim, 'Nossa Senhora' é muito rica. Rica mesmo! Ela tem hotéis, restaurantes, bares, casas de aluguel – muitas casas de aluguel! – kombis, peruas, automóveis. Ela tem muito dinheiro... Dinheiro que os seus fiéis mandam e trazem... Ela tem muitas jóias, anéis, braceletes, colares. Ela tem muito ouro e pedras preciosas. Até a princesa Isabel lhe deu preciosas jóias. Quem tem ouro e pedras preciosas, mande para 'Nossa Senhora'..."

A cupidez é tamanha que as suas lojas não respeitam sequer o Domingo. Se cerrarem as suas portas deixarão de ganhar no dia de maior afluência de peregrinos. O devoto chega para cumprir uma promessa. Compra uma vela na loja pertencente aos padres e, a propósito situada ao lado da basílica e anexa à porta de entrada da emissora. Ao entrar no templo, porém, depara-se com a proibição terminante de acender velas. Apresenta-se-lhe, outrossim, a solução: – deixar o brandão numa caixa adrede colocada ao lado do altar da "padroeira". O "pagador de promessa" sai na doce ilusão de que o padre vai, em sala adequada, queimar a sua vela em honra da santa. Engana-se porque um dos sacristães recolhe todas as lá depositadas, levando-as novamente para a loja. E a vela do devoto caiu no círculo rendoso dos clérigos. Sai da loja. Vai para a caixa da basílica. Volta à loja. De novo na basílica..., E o dinheiro cresce na "caixa registradora".

Tudo lá é comercializado! E os redentoristas não admitem concorrência, nem por parte dos seus colegas de outras igrejas. Num fim de ano, um sacerdote do Rio de Janeiro, com o objetivo de angariar fundos para a construção de um templo, instalou, num terreno alugado, um presépio mecanizado e movido a eletricidade, cobrando dos interessados o ingresso ao local. Pois, os padres da basílica protestaram e obrigaram o coitado a "arrumar a trouxa e dar o fora". Todo o mundo só pode ver o presépio deles para lhes deixar o dinheiro. Em Aparecida, arrecadação de esmolas é direito reservado... De todas as partes afluem contribuições para os seus cofres. Mas, ninguém pode ir lá colher uma migalha...

A ganância atinge os paroxismos da usura!

Fui convidado para celebrar um casamento de pessoas amigas e muito ricas. Por ser sábado à tarde, havia muitos outros. Os noivos, meus amigos, pagaram todas as elevadas propinas estabelecidas pela direção do santuário aparecidiano. À medida em que os noivos adentravam no templo, ao som da "marcha nupcial", um servente da basílica enrolava o grosso tapete de veludo grená. É que logo atrás, entrava uma par de nubentes pobres. Não lhes permitiram as posses, pagar a taxa referente ao tapete e tiveram de passar "sob os olhares maternais da incomparável protetora dos brasileiros", por essa humilhação. O pior ainda aconteceu depois! Chegados junto aos degraus do altar da Senhora Padroeira, foram embargados seus passos pele referido servente, que os encaminhou a um altar lateral. A noiva, desconsolada, explicou ao sacerdote celebrante de suas núpcias, que viera do Paraná precisamente para casar-se no altar da "rainha" em cumprimento de uma promessa. Inúteis seus rogos e vãs as suas

lágrimas... O padre irritado alegou que essa promessa não tinha valor algum e "mastigou", em cinco minutos, a fórmula do ritual.

Tudo isso me indignava. Mas, tudo isso consolidava ainda mais minha devoção à Senhora Aparecida. Compadezia-me dela por vê-la cercada desse deboche e explorada por essa chusma de crápulas. Um bispo do interior paulista tem carradas de razões ao afirmar que a Aparecida é a vergonha do catolicismo no Brasil! O Concílio Ecumênico Vaticano II, falido desde seu início, foi incapaz de modificar essa situação sempre interessante para o clero cúpido, em cujo peito, ao invés de coração, encontra-se instalado um cofre.

O Ministro Mário Andreazza, dos Transportes, a convite, visitou Aparecida, em 13 de julho de 1969. Cercaram-no de salamaleques os clérigos chefiados pelo arcebispo aparecidólatra, o cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, com a sua ladainha de reivindicações em favor da construção da nova basílica e de outras obras católicas. Surpreendido o cardeal e seus sabujos, incontinente e sem subterfúgios, o Ministro demonstrou a sua desaprovação à permanência, ao redor da basílica, das "caixinhas" (pequenas bancas onde são vendidos santinhos, imagens e outros apetrechos aparecídicos). Quase todos os dias freqüentava eu a basílica, onde permanecia muito tempo rezando, de joelhos, o rosário diante da imagem.

Desde a tenra infância, ansiei por certeza de minha salvação eterna. Procurei-a em inúmeras devoções a mim sugeridas ou aconselhadas. Busquei-a no exercício do ministério sacerdotal católico. Macerei-me, chicoteei-me, jejuei... Vali-me da prática da caridade, criando e dirigindo obras sociais. Tudo em vão...

Tomei-me de esperanças quando cheguei em Guaratinguetá. Imensa era minha expectativa de encontrar na Senhora Aparecida a bênção da certeza da vida eterna. Por isso, ia amiúde à sua igreja rezar longos rosários defronte da sua imagem, no aguardo de uma resposta celestial...

4. A SURPREENDENTE REVELAÇÃO

Numa tarde de quarta-feira, no começo do ano de 1961, em seguida às funções rituais da "novena perpétua", a que eu assistira, um sacerdote – com um "psiu" – tirou-me do meu recolhimento devoto. Aproximei-me dele. Perguntou-me à queima-roupa:

- O que você vem fazer aqui quase todos os dias?
- Rezar à "Nossa Senhora Aparecida", respondi-lhe.

E, ante o sorriso gracejador do padre, esclareci:

- Sou muito devoto de "Nossa Rainha" e espero dela todas as graças necessárias para a minha salvação eterna...

Não pude mais falar porque o padre me interceptou com vivacidade:

- Você parece um beato vulgar. Que lhe poderá dar essa estátua de barro? Ela não tem valor algum. Nós gostamos dela porque nos traz muito dinheiro.

E, levando as duas mãos aos bolsos, fez o gesto significativo de quem carrega vultuosas somas.

Pávido, arrisquei a pergunta:

- Mas... E os padres não crêem em "Nossa Senhora Aparecida"?

Um retumbante NÃO! abafou as últimas sílabas da minha interrogação.

- Ela não vale nada. Tanto assim que se cair do altar ela se quebra. É de barro!!!

Saí da basílica atordoado. Passei a noite seguinte em claro, lembrando fatos e tirando conclusões. Aterrorizado, sentia esboroarem-se as restantes ilusões da minha vida religiosa. Encorajado pelo propósito de servir a Deus desvencilhado de todos os embustes, decidi levar até às conseqüências extremas a minha investigação sobre o assunto. Não me foi muito difícil. Aproveitei a fraqueza daquele sacerdote e, noutro dia, abordei-o novamente. Relatou-me ele os verdadeiros fatos relacionados com a imagem da Senhora Aparecida. Relato esse confirmado ulteriormente por outros sacerdotes, seus confrades conventuais. Compadeço-me do brasileiro... Povo de excepcionais qualidades. Inteligente e dotado de sentimentos primorosos. Capaz de heroísmos e tão paciente...

Haverá, porventura, povo mais paciente que o brasileiro? Quanta esperança ele vem revelando em tanto sofrimento... Em tanta exploração a que é submetido. Muitas vezes ludibriado em sua boa fé. Porém, sempre confiante.

É um crime de lesa-humanidade explorar-se esse povo.

Por isso, estou revelando estas informações.

**Desejo ardentemente cooperar com esse povo excepcional,
em sua libertação dos embusteiros.**

**Eu sei perfeitamente que recrudescerão as perseguições
movidas pelo clero contra mim.**

Mas, vale a pena sofrer pela emancipação espiritual do Brasil.

Ao preparar a nova edição deste livro, recordo-me das muitas almas, anteriormente devotas sinceras da "padroeira do Brasil", pela instrumentalidade destas páginas, libertas da aparecidolatria e convertidas a Jesus Cristo. Lembro-me, por exemplo, de Dona Glorinha, residente no Interior Capixaba.

Devotíssima da "incomparável Senhora", em romaria, visitava a imagem pelo menos uma vez cada ano. Pessoa amiga oferecera-lhe um exemplar deste livro. A curiosidade sobrepujara o seu propósito de recusar a sua leitura, pois temia ofender a sua Senhora Aparecida. Guardá-lo-ia por alguns dias e o devolveria ao proprietário, um crente fiel e ansioso por esclarecer os iludidos. Sua curiosidade, porém, superou a força do seu propósito.

Lendo-o, revoltou-se contra o escritor, atirando-lhe, apesar de distante, insultos pesadíssimos. Quis buscar alívio para os seus remorsos por ter feito semelhante leitura. E foi à Aparecida confessar o seu grande pecado (???). O sacerdote confessor recriminou-a asperamente por haver lido o livro do "padre excomungado". E impôs-lhe, como penitência, a reza de longas devoções diante do altar da "santa".

Concluída a penitência imposta, saiu à compra de "lembranças" destinadas a parentes, comadres e companheiras de irmandade do sagrado coração. Separara já medalhas, xícaras, copos, canecos, pratos, quadros... Tudo com dísticos ou decalques da "senhora". Chegava ao fim a sua tarefa de selecionar as "lembranças", quando os seus olhos se esbugalharam numa coisa horrorosa. Esbugalharam-se num pinico a exhibir, colada no seu fundo, a estampa da "incomparável Aparecida". Indignada, deixou todas as bugangas sobre o balcão e o comerciante falando sozinho.

Regressou à casa. Releu o livro. Procurou o seu proprietário. Ouviu-lhe as explicações pormenorizadas sobre o plano de salvação do pecador. Rendeu-se. Renunciou a idolatria. Arrependeu-se. Converteu-se. Aceitou pela fé Jesus Cristo como o seu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR. Crente consagrada, hoje conta a sua experiência de conversão no intuito de levar a Verdade do Evangelho a tantos pobres escravos da aparecidolatria.

***Brasileiros, a Senhora Aparecida é uma falcatrua!
É um conto do vigário!!!***

Você que se supõe seu devoto, está sendo enganado!
Você que tem em casa a sua imagem e lhe acende velas, está sendo ludibriado!
Você que lhe manda esmolas, está sendo esbulhado!
Você que vai, em romarias, à sua basílica, está sendo ridicularizado!

Sim, senhores! Eu vi os padres zombar e pilheriar dos romeiros... Vi-os a praguejar os devotos romeiros que colocam no "sagrado cofre" notas velhas e rotas a lhes exigirem consumo de adesivos...

A um deles um devoto perguntou: – Seu vigário, por que a Senhora Aparecida é morena? Eis a resposta: – Por que ela é de barro!!!

Pobre povo que confia numa protetora feita de barro...

5. A VERDADEIRA HISTÓRIA DA SENHORA APARECIDA

Vou relatar os fatos verídicos referentes à imagem dessa Senhora. Localiza-se o início de sua história no período da Colonização Brasileira.

Corriam muitas lendas sobre descobertas de jazidas riquíssimas de ouro e outras preciosidades. O contágio do entusiasmo atingia as vascas do fascínio. O povo paulista, sobretudo, ardia numa febre desvairada provocada pelas lendas das esmeraldas, as valiosíssimas pedras verdes, cujas montanhas se encravavam quais seios úberes em plena selva.

Este sonho acutilante é que produziu as maiores epopéias das nossas Bandeiras, uma das mais empolgantes páginas da História-Pátria. Se não descobriam as montanhas verdes das esmeraldas, os bandeirantes plantaram cidades e dilataram o território nacional apertado até então na faixa estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, imposto pelo papa Alexandre VI aos descobridores espanhóis e portugueses.

Sim! Essas Entradas é que desbravaram o sertão, devassando e conquistando, com sua audácia o imenso território do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de Mato Grosso, do Paraná, de Goiás e de grande parte de Minas Gerais. Porque a "bota de sete léguas" dos bandeirantes chutou os limites de Tordesilhas... A miragem das montanhas de pedras verdes ardeu, por várias décadas, na mente de muitos brasileiros do Planalto de Piratininga. fulgurou, sobretudo, no espírito do indômito Fernão Dias Paes Leme, o bandeirante por antonomásia, cuja morte, em plena selva, transferiu para Sebastião Raposo Tavares o fascínio de desvendar o segredo daquela descoberta alucinante.

O fim desastrado da jornada de Raposo Tavares, em 1713, entanto, assinalou o último sonho das esmeraldas, que deixou, em São Paulo, qual cicatriz, um profundo sentimento de frustração. É de se notar que, à exceção de uma ou outra, todas as Bandeiras, iniciaram sua jornada, saindo do Planalto Piratininga no pelo Rio Paraíba, em cujo Vale deixavam, como rastro, uma enorme expectativa na alma do povo. Se as esmeraldas, porém, foram uma quimera não transubstanciada em realidade, diferente resultado ocorreu com o ouro, explorado em Minas Gerais, o causador do incêndio de irresistível cobiça, origem de muitos crimes e inomináveis traições.

Naquela época em que o Brasil era Colônia de Portugal, não se dividia ele em Províncias ou Estados como hoje. Repartia-se em Capitânias, dirigida cada qual por um governador nomeado por El Rei

português e vindo diretamente de Além-Mar. O Governador Dom Braz Baltazar da Silveira não conseguiu mais por cobro às desordens reinantes na Capitania de São Paulo e Minas Gerais, de sua jurisdição, nem reprimir o contrabando do ouro e, muito menos, coletar os impostos estabelecidos pela Coroa Real. El Rei Dom João V houve por bem, nessa conjuntura, chamar o inábil Governador e substituí-lo. E, em junho de 1717, o Capitão Geral, Dom Pedro de Almeida, Conde de Assumar, aportou no rio de Janeiro, donde, via Santos, se encaminhou, incontinenti, para São Paulo, aos 4 de setembro de 1717.

Num ambiente tranqüilo e, ainda, oprimido pelas frustrações da Bandeira de Raposo Tavares, o novo Governador, aos 4 de setembro de 1717, foi empossado no seu cargo. Ao contrário de Piratininga, nas Minas Gerais, o clima era de exaltação incendiada pela ganância de ouro, cuja mineração provocava os mais pacatos.

Competia ao Governador recém-empossado restabelecer a justiça, recolher os tributos e exigir o retorno da ordem. O Conde de Assumar toparia com uma barreira formidável a lhe embargar a consumação dos seus propósitos.

É que os frades eram **"dos elementos mais perniciosos entre os que tinham entrado e continuavam a entrar com as avalanches, que enchiam aqueles distritos, e não só porque se entregavam desenfreadamente ao ganho como todo aquele mundo, mas ainda porque, valendo-se do seu ascendente sobre o espírito da massa, eram quase sempre os promotores de todas as desordens"**.

Desgraçadamente os compêndios de História do Brasil adotados por nossas escolas aureolam os padres e os frades do tempo da nossa Colonização com as glórias de heróis. Os seus autores sabem que, se disserem a verdade, os seus livros não terão guarida nos ginásios, em grande parte, dirigidos, maquiavelmente, por padres e freiras, ou deles recebem "orientação".

Aquelas nossas informações, acima entre-aspeadas, são de Rocha Pombo, registradas em sua História do Brasil (Rio de Janeiro - 1905, vol 6, página 245) cuja PRIMEIRA EDIÇÃO deveria ser lida por todo intelectual patricio. Destaco em caixa alta a PRIMEIRA EDIÇÃO porque as subseqüentes foram criminosamente resumidas e mutiladas. Destas podaram-se todos os informes sobre os latrocínios, extorsões, atrocidades e crimes cometidos pelos clérigos missionários. A maioria dos brasileiros supõe que naqueles tempos, Portugal açambarcava todo o ouro bateado pelos lavageiros ou garimpado nos veios das rochas. Supõe-se, também, que, em tempos posteriores, a Inglaterra usurpou-o das bruacas lusitanas. Verdade é que o Reino estabelecia impostos, arrecadados pela quintagem, com o fim de beneficiar o seu erário.

Os frades, contudo, não vieram para o Brasil com a missão de catequizar. O Historiador Rocha Pombo, no passo já referido, informa-nos que o Conde de Assumar, dentre as questões a enfrentar, tinha de se haver com a da "expulsão de todos os religiosos regulares que não tivessem naquela Província do seu domínio uma função certa, própria do seu apostolado". Tinham esses "religiosos" (frades cognominados pela legislação romanista de "religiosos regulares") outra incumbência bem diversa da apregoada e que causou graves prejuízos ao Brasil. Vieram carrear ouro para o papa e para os seus conventos na Europa!

O ouro do Brasil, em grande parte, encontra-se ainda hoje em poder do Vaticano, que o faz ocupar o segundo lugar mundial no mercado desse valor precioso, cujas reservas o papa deposita no Federal Reserve Bank, em Washington. O papado não ocupa o primeiro lugar no mundo nesse mercado porque preferiu trocar uma parte do seu ouro com outros valores, como dólares, que atingem a cifra astronômica de 15 bilhões, e em títulos de sociedades italianas avaliados em 1 trilhão de liras e de sociedades de outros países cotados em 2 bilhões de libras esterlinas. E essa riqueza fabulosa e atual do Vaticano o faz o maior acionário de todo o mundo!

Convencido da gravidade da situação em Minas Gerais e da sua responsabilidade em recobrar a ordem, o Conde de Assumar decidiu interferir pessoalmente. Deixando como seu substituto em São Paulo, o oficial de grande patente, Manuel Bueno da Fonseca, partiu, em fins do mesmo mês de sua posse (setembro de 1717), com destino a Ribeirão do Carmo (hoje Mariana), em Minas Gerais. Naqueles remotos tempos essa viagem só podia ser feita via Vale do Paraíba (Norte do Estado de São Paulo).

Guaratinguetá é uma das cidades desse Vale. Foi fundada à margem direita do Rio Paraíba, em 1641, pelo Capitão-Mór Dionísio da Costa, lugar-tenente do donatário e, por isso, gozava de grande prestígio até os fins do regime das Capitanias. O conde de Assumar chegou, com sua comitiva, nessa cidade, aos 12 de outubro. Prontamente, as autoridades locais, solícitas em aguardá-lo, promoveram-lhe toda sorte de homenagens e respeitos. Por ser o catolicismo a religião oficial do Reino, o vigário destacava-se nas cidades como a autoridade mais importante. O "batizado" pelo padre católico equivalia ao registro civil. O casamento era só no religioso. Quem não era católico, como um criminoso de lesa-pátria, não podia casar-se e nem registrar os filhos...

Esta posição do catolicismo outorgava aos vigários, o ensejo de serem ótimos arrecadadores de riquezas para o pontífice de Roma. Em Guaratinguetá, encontrava-se, como vigário, o jovem padre José Alves Vilela. Como todo clérigo, conhecia perfeitamente a arte de bajular. Pelo próprio fato de ser o catolicismo romano a religião oficial do Reino de Portugal, a nomeação dos bispos dependia inteiramente da indicação feita pelo Rei. O padre Vilela sofria de "bispite" aguda. Do desejo desenfreado de ser bispo!

Percebeu na passagem do Conde de Assumar por sua paróquia, uma extraordinária oportunidade de, sabujando, credenciar-se às boas graças do Governador, que o apontaria a El Rei como candidato à

mitra. E mãos à obra! A par das demonstrações cívicas de respeito ao Governador promovidas pela Câmara, o padre Alves Vilela, como autoridade mais importante do lugar, programou festas religiosas de grande aparato para impressionar o homenageado. Desde sempre o clero gostou de se valer de seu ritualismo litúrgico para engodar as autoridades civis com o objetivo de sugar-lhes subvenções ou propiciar clima para se manter prestigiado. Num dos nossos Estados, os bispos condenaram a candidatura de certo cidadão à governança. Feridas as eleições e vitorioso o candidato anatematizado, os "amantíssimos ordinários" promoveram-lhe demonstrações de "afeto e deferência", culminando a sabujice, no dia de sua investidura com uma missa de "ação de graças" mui solene.

Note-se, a título de informação, que o termo canônico designativo do bispo diocesano é "ordinário". Para se colocar bem diante do Conde Governador, preocupado e zangado com os clérigos baderneiros de Minas Gerais, "promotores de todas as desordens" (Rocha Pombo – loc.cit.), o padre Vilela tomou atitude oposta aos seus colegas. Reconheceu na sua subserviência ao chefe da Capitania uma oportuníssima manobra para conquistar-lhe a simpatia. Entre o clero há traidores dos padres traidores! Enquanto os frades de Minas traíam sua posição aparentemente de catequistas, causando baderna, o padre Vilela manifestava-se servil.

Nas águas turvas da situação de descrédito em que se imergiam os frades, o padre Vilela quis pescar um peixe gordo. O peixe de uma posição perante o Governador favorabilíssima às suas pretensões "bispais". E, como o peixe se pega pela boca, alvitrou oferecer ao Conde um opíparo banquete. Mas, um desses banquetes de assinalar marco na história da culinária! Notabilizara-se o Rio Paraíba pelas suas águas piscosas. Por isso, os pratos em peixe distinguem a cozinha valeparaibana. O banquete oferecido pela comunidade guaratinguetaense ao ilustre viajante, na programação estabelecida pelo incensador clérigo Vilela, revelar-se-ia por grande fartura de peixes nas mais diversas modalidades de temperos.

O jovem e pretensioso vigário divisou no ambiente uma circunstância especialíssima para ser aproveitada naquele acontecimento. E decidiu capitalizar a seu favor a frustração do povo do Vale pelos insucessos das últimas Bandeiras, cujas miragens de esmeraldas se esboroaram. Decepcionado, todavia, não se descoroçoara o povo. Esperava encontrar alguma coisa de notável. Desde o princípio do seu paroquiato travara Vilela conhecimento com os pescadores de sua freguesia e da região. Deles, e somente deles, é que esperava a mais decidida colaboração nas suas festividades religiosas porque a pesca, naqueles tempos, acima mesmo da agricultura incipiente, se estabelecia como a mais importante fonte de riquezas do Norte da Capitania.

E, dentre os pescadores seus conhecidos, três se distinguiam pela espontaneidade em auxiliar, pela singeleza da sua fé e, sobretudo, pelo seu acatamento às solicitações do vigário. Domingos Martins Garcia, João Alves e Felipe Pedroso, os seus nomes! Procurou-os, então, o clérigo Vilela, incumbindo-lhes da pesca para o banquete-homenagem. Nem estranharam a dedicação e o interesse do seu vigário por aquela pesca. Supunham-no desejoso realmente de exaltar à vista do Governador as qualidades da cozinha da Vila, de lhe demonstrar respeito e, certamente, creditar a região a favores futuros.

Admirados, contudo, receberam no dia do banquete (13 de outubro de 1717), manhã cedo, as ordens do vigário no sentido de que lançassem suas redes no Porto de Itaguassú, próximo do Morro dos Coqueiros. Como ativos pescadores, sabiam que os peixes permanecem mais nas partes calmas do rio e não é possível pesca alguma junto de um porto, onde há tanta movimentação. Toda aquela zona dispunha do Rio Paraíba como principal via de comunicações e transportes. E, dentre os portos, o de Itaguassú se notabilizara por servir vasta extensão.

Em vista da sua própria profissão, entenderam os pescadores a ineficácia da ordem estravagante do vigário. Mas, ingênuos, e submissos, obedeceram. Não lhes convinha desacatar o sacerdote ameaçador e capaz de praguejá-lo e amaldiçoá-los. Lançaram a rede na convicção de nada apanhar. Surpresos, porém, retiraram das águas uma imagenzinha, de 0,30m de altura, talhada em terracota escura, nos moldes da Madona de Murilo, que o clero se utiliza como símbolo da "IMACULADA CONCEIÇÃO" de Maria.

Decidiram guardar a imagem aparecida nas águas dentro do embornal e prosseguir além sua tarefa. Obtida a quantidade de pescado exigida pelo clérigo anfitrião, foram à sua residência fazer-lhe a entrega. E, jubilosos e na sua crença ingênua, mostraram ao padre, misturado na comitiva do Governador, a imagem aparecida. Enternecido o vigário pelo sucesso do seu empreendimento, pois, ninguém soubera e nem desconfiara de sua ida durante a madrugada ao Portão de Itaguassú para deixar nas águas aquela imagem, despejava suas expressões religiosas e deslambidas acentuando o "fator milagre" daquela descoberta.

Todo o povo daquela região, presente em Guaratinguetá, para receber o Governador, Conde de Assumar, ludibriado em sua credulidade, exultou com o "milagre" sucedido, vinculando-o à santidade do seu vigário e divulgou a notícia à distância.

– "Arre! Se falharam as aventuras em busca de esmeraldas, o "milagre" interveio para dar ao povo desiludido uma preciosidade muito maior!!!", parafusava o padre, que, de propósito, havia colocado a imagem nas águas do Porto de Itaguassú.

Na intenção de valorizar o enredo do seu estratagema religioso achou melhor entregar a estátua a um dos pescadores, Felipe Pedroso, residente no sopé do Morro dos Coqueiros. Retirando-se o Conde de Assumar no seguimento de sua viagem, os fiéis, em procissão, acompanharam o feliz pescador, que, piedosamente, colocou, sob a emoção dos circunstanciais, a imagem aparecida entre os "santos" do seu tosco oratório.

Inglórios os esforços do vigário Vilela junto ao Governador! Tão assoberbado de problemas em sua curta estadia no Brasil à testa da Capitania de São Paulo, não teve sequer a lembrança de sugerir a El Rei o nome do pároco de Guaratinguetá como candidato a bispo de alguma diocese do Reino. Não se desesperançou o padre. Decidiu incentivar a devoção da senhora aparecida, promovendo atos religiosos na casa de Felipe Pedroso. Quem sabe se o seu nome assim ligado à estátua aparecida "milagrosamente", se encheria de fama e repercutiria nos ouvidos do supersticiosíssimo El Rei Dom João V, que ouvia missas sobre missas, distribuía dinheiro a rodo a quantos santos figuravam no calendário, enchia de ouro os conventos e, enlevado por violenta paixão à sua amante, a freira Paula, do Convento de Odivelas, alcançou do papa o título de Rei Fidelíssimo.

As esmolas lançadas, em grande cópia, no oratório da "santa", permitiram ao vigário sonhador da mitra episcopal, repartir com o devoto Felipe Pedroso, que pode obter numerário para comprar uma pequena fazenda e construir casa nova em Ponte Alta, também nas proximidades do Porto de Itaguassú, onde entronizou, em oratório novo, a imagem de terracota aparecida.

A devoção mais importante e mais concorrida nesse local acontecia aos sábados à noite. Sucedeu a Felipe Pedroso, após sua morte, na incumbência religiosa, o seu filho Atanásio. Um pouco arredo a essas beatitudes, este herdeiro achou melhor construir fora da casa uma capelinha para se ver livre das importunações dos devotos e transferiu à Silvana da Rocha o mister de puxar as rezas e os cânticos. Primava a rezadeira-mor, Silvana, em dirigir o rosário dos sábados, incrementando a afluência dos humildes com animados bailes regados a pinga após a reza, na intenção de alegrar os devotos caboclos desprovidos de outros divertimentos. Os anos se passaram e o nome do padre Alves Vilela, sem ser sugerido nas eleições dos bispos!

Em 1742, Dom João V foi acometido de uma paralisia que o imobilizou para sempre, apesar de suas treze jornadas às Caldas da Rainha (nas proximidades de Leiria, ainda muitas pessoas por ser uma das mais importantes estações termais de Portugal), escoltado por um exército de freiras e padres interesseiros. O vigário de Guaratinguetá, agora já encanecido, porém esperançoso, mantinha-se a par de todas as notícias vindas de Além Atlântico.

Conhecedor da carolice de El Rei e sua magnanimidade em proveito dos clérigos, urdiu outra investida com o objetivo de atrair as atenções "majestáticas" sobre si. Certo sábado, em 1743, quando os devotos chegaram à capela, surpresos, deram pela falta da santa aparecida. Atônitos ficaram quando Silvana Rocha desconhecia também o seu paradeiro, mesmo depois de se informar com Atanásio. Desesperados, correram falar com o vigário, que se fingiu surpreendido. Aconselhou-os, porém, a que dessem uma batida nas redondezas e que não se esquecessem de ir até o alto do Morro dos Coqueiros. Dóceis à orientação do padre, vasculharam todos os recantos, e, por fim, subiram os rapazes ao Morro, onde, para alívio geral, encontraram a imagem encostada em uma pedra. Nessa noite, o rosário foi rezado com mais fervor, os hinos mais vibrantes e o baile mais animado com cachaça distribuída abundante na algazarra do reencontro da Senhora Aparecida.

Noutros sábados, o fato misterioso se repetiu sem que os pobres devotos percebessem a mão do vigário atrás de tudo. O padre Vilela, ao sentir-se seguro do êxito de seu plano, num sábado, foi até Ponte Alta puxar ele a reza. Desta feita, ainda outra vez, a busca da imagem fugidiva precedeu o ato religioso, porque o padre ainda outra vez, retirara-a às ocultas e levava-a para o cume do Morro. Então, na qualidade de vigário e ministro de Deus, aconselhou o povo devoto que se construísse no alto do Morro dos Coqueiros um templo para a "santa".

- "Nossa Senhora, afirmava, quer que se construa uma capela lá no alto do Morro".

De imediato, foram abundantes os donativos. Todos queriam concorrer a fim de contentar os desejos da "santa" aparecida no sentido de que lhe erigissem um templo no cume do Morro dos Coqueiros, conforme havia interpretado o vigário aquelas fugas constantes. Em cumprimento de exigências eclesiásticas, o padre José Alves Vilela valeu-se do Bispado do rio de Janeiro, a cuja jurisdição canônica se submetia para requerer a devida licença a fim de edificar o templo. Recorde-se que o Bispado de São Paulo, a cuja jurisdição eclesiástica, posteriormente, pertenceram Aparecida e Guaratinguetá, somente foi criado em 1745.

Na esperança de divulgar nas altas rodas clericais o valor sobrenatural da sua "santa" aparecida, o que lhe poderia render prestígio junto a El Rei, saliente em seu requerimento: "...que pelos muitos milagres que tem feito a dita Senhora, a todos aqueles moradores, desejam erigir uma capela com o título da mesma Senhora da Conceição Aparecida, no distrito da dita freguezia em lugar decente e público por concorrerem muitos romeiros a visitar a dita Senhora que se acha até agora em lugar pouco decente..."

A provisão de licença foi passada na chancelaria do bispado do Rio de Janeiro, em 5 de maio de 1743. E tudo se tornou mui fácil, porquanto, Dona Margarida Nunes Rangel, proprietária do Morro dos Coqueiros, houve por magnanimidade, fazer doação de toda a colina. Afluíram donativos abundantes e, a 26 de julho de 1745, o padre Vilela benzeu o templo e rezou nele a primeira missa, suspirando para que El Rei, o beato sonso Dom João V, se lembrasse dele nas escolhas dos bispos. Já alquebrado pela idade avançada morreu, como simples vigário de Guaratinguetá, o padre ambicioso, e a Aparecida caiu na vala comum das pequenas capelas do Interior Brasileiro.

6. A RAZÃO DO NOVO SURTO DO "APARECIDISMO"

Em fins do século passado, Aparecida foi tirada de sua insignificância, onde permanecera por mais de cem anos após a morte do seu criador, o vigário José Alves Vilela. Em 8 de dezembro de 1888, o bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato de Carvalho, benzeu um novo templo construído em substituição do anterior erigido pelo sacerdote inventor da "santa" e resolveu entregá-lo à administração de alguma ordem ou congregação religiosa.

A congregação dos padres redentoristas gozava, na época, de grande nomeada nos círculos romanistas, pois o seu fundador, o italiano Afonso de Liguori, além de ser canonizado santo, em 1839, havia sido, em 1871, proclamado pelo papa Pio IX, "doutor da igreja". Dentre as suas diversas obras literárias, destacam-se a "Teologia Moral" e as "Instruções e Método para os Confessores", pelo seu conteúdo repleto de normas utilizáveis com grande resultado no confessionário, o instrumento infernal da escravização das consciências. Por causa da "importância" de Liguori, cresceu a influência de sua ordem religiosa, e também em razão da sua finalidade, que consiste em se disporem os padres, seus membros, a pregar missões populares. Distinguem-se estas por uma série de pregações retumbantes e fantasmagóricas com arremates de procissões imbecilizadoras.

Liguori estabeleceu a sua congregação para a Itália Meridional do seu tempo, com uma população rural ignorante e de sangue quente. Referindo-se a esses italianos, o clérigo redentorista Hitz, observa: "gostam das manifestações fortes... São superficiais, levianos, desmazelados, supersticiosos, e apegam-se, sobretudo, às práticas exteriores da religião" (Hitz - "A pregação missionária do Evangelho", Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1962, pág. 181). Foi para conservar esse povo agrilhado às superstições romanistas, assim considerado pelos seus líderes religiosos, que Liguori determinou, com minúcias, os temas e os esquemas dos sermões das "santas missões" a serem pregadas por seus padres. No plano do fundador dos padres redentoristas, os fiéis devem, ao final desse trabalho, ser encaminhados ao confessionário para que se consume o seu cativo espiritual.

As "santas missões" dos redentoristas fundam-se num moralismo antropocêntrico, infinitamente distante do Evangelho. Aliás, servem bem ao romanismo, cujo ritual coloca o endeusamento da criatura acima de tudo. O bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato de Carvalho, julgou os brasileiros semelhantes aos depreciados italianos meridionais por estarem também, os nossos patrícios, seus contemporâneos, encharcados das superstições católicas. E entregou o templo da Senhora Aparecida à direção dos padres redentoristas, em fins de 1894.

Esses padres, incontinenti, começaram suas incursões fanatizadoras pelo Interior dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro, por meio das missões populares, quando divulgaram profusamente as lendas referentes à Senhora Aparecida. O nosso povo, humilde e distante das fontes puras da Bíblia, aceitou ingenuamente e sem qualquer exame, essa fábula, que, também eu, em criança, ouvi. Pelo confessionário, os redentoristas impunham aos fiéis, narcotizados com as suas mentiras e modelados aos seus caprichos, penitências de rezar fórmulas especiais à Aparecida e de ir ao seu santuário em romarias.

O povo desprovido de recursos essenciais a uma subsistência condigna e imerso nas trevas do analfabetismo, é sempre presa fácil dos embusteiros, máxime quando se apresentam revestidos de roupagens exóticas e com a voz repassada de acentos ameaçadores. Os pregoeiros do "aparecidismo" espalharam entre o nosso pobre e abandonado povo, no intuito de fanatizá-lo e escravizá-lo mais, aquela deslambida "Oração a Nossa Senhora Aparecida para pedir a Sua Proteção", que assim começa: "Oh Incomparável Senhora da Conceição Aparecida, Mãe de Deus, rainha dos anjos, advogada dos pecadores..." Em seguida a esta relação de tantas heresias, o pobre brasileiro suplica-lhe que o livre da "peste, fome, guerra, trovões, raios, tempestades e outros perigos e males que nos possam flagelar".

Aconselhado pelo missionário, o simplório cola o papel dessa reza atrás das portas de sua casa e se supõe imunizado, protegido e livre de todas as desgraças. Quando eu era pároco em Guaratinguetá, num domingo, fui rezar missa numa capela da zona rural. Desabara durante a noite precedente um horrendo temporal. E a notícia lúgubre enchia de tristeza todos os moradores da região! Um raio penetrara numa choça e fulminara todos os seus moradores. Encaminhei-me para lá. Entrei no casebre. Olhos esgazeados de pavor, encontrei três corpos esturricados no chão. E atrás das portas toscas a protetora reza da "incomparável"...

As primeiras "santas missões" populares produziram os frutos esperados. Já em 1900 começaram as romarias. O novo bispo de São Paulo, Dom Antonio Cândido de Alvarenga, continuou o interesse de seu antecessor, Dom Lino, pela Aparecida, pois previa os resultados financeiros com o comércio da credulidade das massas. Em consequência, não só incentivou os vigários das paróquias a promoverem romarias, mas, ele pessoalmente organizou uma. A comercialização e a traficância da devoção à Senhora Aparecida tornaram-se rendosas, além de todas as estimativas, que o bispo de São Paulo não admitiu se tornasse ela paróquia da Diocese de Taubaté.

Com efeito, em julho de 1908, o papa Pio X desmembrou da Diocese de São Paulo, que abrangia todo o território do Estado, as dioceses de Botucatu, Campinas, São Carlos, Ribeirão Preto e Taubaté. Esta incluía todo o Norte do Estado de São Paulo, desde o Município de Jacareí, inclusive, até o limite do Estado Fluminense, à exceção de Aparecida que, apesar de encravada bem no centro do bispado de Taubaté, continuava pertencendo à jurisdição eclesiástica do arcebispado de São Paulo. Ocorreu esta anomalia escandalosa como resultado da ganância do arcebispo, ávido de se locupletar com as fortunas

continuamente depositadas nos cofres da Senhora Aparecida.

Em 1931, conforme já referimos, vieram sua proclamação e coroação como padroeira e rainha do Brasil, em execução de uma astúcia política. Antes, o padroeiro do Brasil era "São" Pedro de Alcântara, que, por haver sido membro de ilustre e principesca família espanhola durante o domínio da Espanha sobre o Reino de Portugal, obtivera de Roma esse "padroado".

Os tempos eram outros e o povo brasileiro não se tornara fã do frade espanhol. Então, os "ordinários" brasileiros decidiram aposentá-lo e arranjar do papa um outro padroeiro. Afóra o prestígio popular, o candidato, por certo, precisaria satisfazer injunções políticas e ter a sua meca localizada onde houvesse maior concentração demográfica. A paraense Senhora de Nazaré, a capixaba Senhora da Penha e o baiano Senhor do Bonfim, se bem que prestigiados popularmente em suas regiões, careciam satisfazer as outras condições.

Cumprindo-as todas a Senhora Aparecida foi a eleita. Mais recentemente, em junho de 1958, o papa Pio XII criou a Arquidiocese de Aparecida, com o território da paróquia do mesmo nome desmembrado da Arquidiocese de São Paulo, e de outras paróquias retiradas da Diocese de Taubaté. Não obstante, porém, todas as promoções em torno da divulgação dos "fatos" relacionados com a Aparecida, das demonstrações de fé na mesma, das romarias, de suas imensas riquezas... Não obstante os padres afirmarem – da boca prá fora – que crêem na aparição prodigiosa da Senhora Aparecida... Apesar da oferta da Rosa de Ouro pelo pontífice Paulo VI e sua aparatosa entrega em agosto de 1967... Apesar de tudo isso, até hoje, o Vaticano se conservou silencioso a respeito.

Desafio a qualquer padre de Aparecida a que me apresente um documento do pontífice romano pelo qual haja pronunciado sobre a autenticidade dos "acontecimentos prodigiosos" pelo clero divulgado entre o povo. Eles não aceitam o desafio porque nem o papa crê nesse "prodígio". Bem ao contrário! Ele sabe que tudo é falcatrua. E falcatrua tão mal engendrada que nem é capaz de forjar documentos, tática tão de sua índole.

Só as pessoas fanaticamente narcotizadas pela idolatria não querem enxergar e continuam devotas da Aparecida. A fim de dar aos padres reptados uma dose de calmante, apresento-lhes o parecer do monge beneditino, Estêvão Bettencourt:

"As autoridades eclesiásticas não se empenham por definir a autenticidade de tais portentos, nem mesmo a dos episódios concernentes à aparição da Senhora Imaculada no Porto de Itaguassú em 1717... A Santa Igreja, de modo nenhum, entende fazer de tais relatos matéria de fé..." (in "pergunte e responderemos" – 71/1963, questão 5).

Católico! Não continue enganado!

Use sua cabeça para raciocinar e não vá mais no conto do vigário! O próprio monge beneditino Estêvão Bettencourt declara que aquilo tudo não é "matéria de fé". Ele não crê! Nem o papa e nem os padres prestam fé aos seus relatos sobre a Senhora Aparecida!

7. A SANTACAP, "CAPITAL MARIANA" DO PAÍS

Elevada, em 1958, à categoria de Arquidiocese, só em 1964 recebeu o seu arcebispo na pessoa do cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, até então ocupante do sólio paulopolitano. Motta sempre se revelara interessado em promover Aparecida e, com a habilidade política peculiar ao seu temperamento, conseguiu da Santa Sé contemporalizasse a nomeação do seu titular, pois desejava ser ele o investido no munus de arcebispo da "capital brasileira da fé".

Se envidara esforços para a sua instalação como Arquidiocese, parecer-lhe-ia justiça instalar-se ele próprio em seu trono arquiépiscopal, embora 6 anos devessem decorrer como sede vacante. Idealizara e empenhara-se em transformar Aparecida num dos centros católicos mais importantes do mundo.

Seria nesse intento insuficiente a devoção popular à Senhora Aparecida. Aliás, aquela efervescência de fé incrementada pelo IV Congresso Eucarístico de São Paulo, celebrado em 1942, fora passageiro. Como arcebispo de São Paulo, a cuja Arquidiocese pertencia a simples paróquia de Aparecida, Motta notara na segunda metade da década de 40 o decréscimo do número de peregrinos em proporção com o aumento populacional do País e com a imensa propaganda intensificada através da distribuição, sobretudo às paróquias, de imagens fac-símiles.

Insuficiente a devoção popular como fundamento para concretizar o seu sonho de criar a SANTACAP, à imitação dos grandes e antigos centros idólatras do mundo, como Éfeso com a sua Senhora Diana, em cuja honra se construía uma das sete maravilhas do orbe, o cardeal Vasconcelos Motta optou pela construção de um grande e soberbo templo. Uma basílica gigantesca e de ricas proporções arquitetônicas a se credenciar ao orgulho do catolicismo brasileiro.

– O maior templo religioso do mundo depois da basílica de São Pedro, em Roma !!!

A basílica de São Pedro tem 200 metros de comprimento, incluindo-se o pórtico. A de Aparecida, 170. E, depois dela, vem a de São Paulo, em Londres, com 158 metros. Esta é seguida do templo de Liverpool, também na Inglaterra, que mede 154 metros de comprimento. Seguem-se-lhe o Duomo, em Florença, da Itália, com 150; o de Colônia, na Alemanha, com 145; o da Imaculada, em Washington,

EEUU, com 137; o Duomo, em Milão, com 135; o templo de Notre Dame, Chartres, na França, com 133; o de Sevilha, na Espanha, com 129; o de São João de Latrão, em Roma, com 124; o de São Paulo, no Brasil, com 100; o de S. Patrick, em Nova Iorque, EEUU, com 99; o de Santa Maria Maior, em Roma, com 98; o de Bauprais, no Canadá, com 80 metros. A nova basílica de Aparecida, quando inteiramente concluída terá 170 metros de comprimento por 150 metros de largura, cobrindo um espaço de 25.500 metros quadrados.

Por sonhar alto, o arcebispo aparecidólatra inclui no plano completo da obra outros departamentos inclusive o prédio para a emissora radiofônica e de televisão. Em consequência salta à vista a impossibilidade de se construir no cume do antigo Morro dos Coqueiros, onde se encontra a atual basílica, apodada da velha. Recorde-se o fato de haver sido esta erigida no alto daquele morro em atenção às exigências da própria Senhora Aparecida, inconformada de ficar embaixo e, por isso, "fugia" da capelinha, indo postar-se lá em cima. As suas repetidas "fugas" revelaram (?) aos devotos a sua vontade de lhe ser dedicada uma capela no cocuruto do outeiro, inaugurada, aliás, em 1745, sob o hissope do vigário José Alves Vilela, ao tempo, pároco em Guaratinguetá.

Esta pequena capela, quando, em fins do século passado, se incrementara a devoção aparecida, se tornara exigua, foi pelo bispo de São Paulo, Dom Lino Deodado de Carvalho, substituída por um templo maior, ainda, no cume do antigo Morro dos Coqueiros.

Afigurava-se impossível desagradar a "santa" e contrariar-lhe a mariana vontade de ser instalada lá em cima da colina, cujos coqueiros cederam lugar ao casario que se comprime em suas rampas.

- Constrói-se o templo noutro lugar... E se depois a imagem aparecida não quiser ficar nela?, decerto refletia o bispo, que, aos 8 de dezembro de 1888, benzeu a então nova basílica, hoje reputada velha, por ser anacrônica, obsoleta e superada. Ao cardeal Motta, embora se confesse devoto aparecidiano, falecem aqueles escrúpulos.

- Como se conseguir tamanha construção lá em cima do Morro dos Coqueiros? Se são necessários 400 mil metros quadrados de área, como derrubar todas as casas empoleiradas colina acima? Seria acabar com a cidade...

A crer-se nos informes clericais, a imagem "milagrosa" saiu do lugar, por ela própria escolhido apenas duas únicas e rápidas vezes: quando de sua coroação no Rio de Janeiro, em maio de 1931, e, em 14 de julho de 1945, quando, em São Paulo esteve numa manifestação político-católica.

- Tirar-se a imagem de lá de sua querida basílica é arriscar-se ao desagrado da Senhora.

Era isso que se proclamava anos passados. Se o arcebispo aparecidopolitano e empreendedor da nova basílica acreditasse no "milagre" de haver ela própria escolhido o lugar do seu trono no topo da colina, esta construção seria lá em cima mesmo. Como incorreria em desobediência à Senhora? Jamais! Nem que fosse para gastar todos os milhões de cruzeiros depositados pelos fiéis devotos nos cofres aos seus pés instalados, com o fim de cobrir as desapropriações da cidade inteira.

Mas a AURI SACRA FAMES - a sagrada fome do ouro - fala muito mais alto do que todos os escrúpulos... E, como resultado, a edificação da nova e descomunal basílica em outro local, iniciada em 1952, já se encontra em fase final.

O mais interessante, porém, é que a Senhora mudou de opinião. Assanhou-lhe a vaidade a grandeza do seu novo templo. Para ele transportada, decidiu submeter-se à vontade cardinalícia e se acomodou em seu novo altar erigido num elevado octogonal, a 1,5m de altura com 9 degraus e 10 metros de diâmetro. Ela gosta mais do bem-bom das novíssimas instalações... Hoje, para evitar qualquer comentário da oposição ou o raciocínio de algum devoto mais inteligente, os padres deixaram de mencionar em seus relatos aparecidosos a antiga "vontade" da Senhora fujona.

Nos planos clericais a nova basílica, pelas suas proporções arquitetônicas e pela sua suntuosidade, deve se constituir no grande motivo de atração de romeiros a elevar Aparecida à categoria de principal centro de peregrinação do mundo, dignificando este País, o mais católico de todos. Em estilo romântico-moderno, cobre uma área construída de 25.500 metros quadrados, tendo à sua frente a Praça das Comemorações de 69 mil metros quadrados com a capacidade de 300 mil pessoas. No interior do templo se estendem três naves de 22 x 40 metros cada, além das naves deambulatórias ou de circulação de 7 metros de largura cada uma num desenvolvimento de 340 metros. As capelas sacramentais, onde se administram os chamados sacramentos do batismo, da confissão, da confirmação, da eucaristia e do matrimônio, são de 22 x 38 metros cada.

A torre imponente, levantada na superfície de 20 x 20 metros, atinge a 100 metros de altura, abrangendo 16 andares, com 336 janelas de vidro com caixilhos e venezianas de alumínio e consumiu um milhão e meio de tijolos. Dois elevadores com capacidade para 60 pessoas transportam os visitantes. Erguida fora do templo, a ele se liga por uma galeria de 36 metros de comprimento, 8 de largura e 11 de altura. Como seria impossível deixar de ser, no interior da torre os padres instalaram um bar-restaurant e lojas.

Construída a basílica em forma de cruz grega, a sua cúpula, como uma meia esfera, erguida bem no centro de toda construção, com o diâmetro interno de 34 metros e a altura de 60, cobre 2.327 metros quadrados e é revestida de alumínio anodizado a lhe fornecer uma cor dourada. Esta cúpula sustenta, num pequeno mirante, uma cruz grega de 3 metros de altura, sob cujo centro geométrico se eleva sobre 9 degraus, o altar-mor da basílica, de 10 metros de diâmetro, a ostentar, em nicho de ouro, a imagem da Senhora Aparecida, a Padroeira do Brasil, recoberta de jóias e pedrarias preciosas, onde imensa população padece fome e sofre a carência dos recursos básicos para uma vida digna. Ao redor deste

soberbo altar-mor, em torno da plataforma, se enumeram 12 pequenos altares a permitir a celebração simultânea de 13 missas, o supremo culto idólatra do catolicismo, em homenagem à aparecidolatria.

Por considerarem antiquado o método, os padres redentoristas responsáveis pela administração da basílica e pela promoção do aparecidismo, hoje em dia, deixaram de utilizar tanto as chamadas "santas missões" inculcadas pelo seu fundador, Afonso de Liguori, nos estatutos da ordem. Prevaecem-se de meios mecânicos de divulgação, como o jornal e o rádio.

A Rádio Aparecida, pela sua potencialidade, se emparelha com a grandeza material da nova basílica e se capacita a atender os planos de incrementar sempre mais a aparecidolatria. Reservaram-se 12 mil metros quadrados dentro da área dos 400 mil para se erguer um prédio dividido em 3 pavimentos. O térreo se reserva para um auditório com a capacidade de alojar 1.500 pessoas, que terão o seu cinema. No 1º pavimento ficam os escritórios, uma capela e o salão nobre destinado às reuniões do Clube dos Sócios com cerca de 400 mil arrolados. O 2º andar se destina à instalação de todo o equipamento da Rádio Aparecida, que deverá ser a mais potente emissora da América Latina, e da futura TV, com 6 estúdios: um de gravação de radioteatro, 3 de locução, um de gravação de peças orquestrais e outro de gravação de discos e fitas – e a técnica central de comando dos estúdios, além da discoteca, do departamento técnico e do almoxarifado.

É a técnica da comunicação superlativamente refinada a serviço da massificação do aparecidismo, porque, dentro dos prognósticos clericais o brasileiro deve continuar agrilhado aos seus embustes. A SANTACAP, com a sua descomunal basílica, pretende reviver a idade áurea da Senhora Diana, cujo templo se contava entre as sete maravilhas do mundo. Aliás, em Éfeso, aos 11 de outubro de 431, se deu o início oficial da mariolatria com a proclamação do dogma de Maria Mãe de Deus.

Nesta era intitulada de pós-conciliar, quando muitos ainda supõem haver o catolicismo romano se transformado e aberto mão de certas doutrinas contrárias à Bíblia, inclusive as relativas a Maria, a religião do papa recrudescer e reaviva o culto mariolátrico acrescentando-lhe novos dogmas, como o de Maria Mãe da Igreja, que inclui os da Maria Co-redentora, Advogada, Medianeira e Adjutrix, proclamado aos 21 de novembro de 1964. Recrudescer e reaviva o culto mariolátrico entre o pobre povo subjugado às suas feitiçarias, prestigiando os santuários marianos, centros de romarias e peregrinações.

O próprio papa Paulo VI, em 13 de maio de 1967, viajou até Fátima, em Portugal com o propósito de oficializar as comemorações cinquentenárias daquela Senhora. Aparecida ofertou o romano pontífice uma Rosa de Ouro, trazida por uma cardeal a latere, a assinalar a passagem dos seus 250 anos. Dom Humberto Mozzoni, o núncio papal no Brasil, no dia 5 de julho de 1969, ano de sua chegada, viajou à SANTACAP no intento de prestar o seu culto pessoal à Senhora Aparecida. "Vim à cidade de Aparecida, disse ele, para, como todo o povo brasileiro, venerar Nossa Senhora Aparecida. E colocar sob sua proteção a minha missão no Brasil" (O Estado de São Paulo, 6 de julho de 1969).

O Concílio Ecumênico Vaticano II deixou intactas as estruturas romanistas sobre as quais simplesmente passou uma calçada a fim de lhe dar novos ares. E só! eixou outrossim intocáveis os cedios métodos de envolvimento político tão do gosto multissecular do clero. Quando, em 1972, o Brasil celebrou o sesquicentenário de sua Independência, quis ele vincular-se oficialmente à sua programação. E, para se promover, nada melhor do que promover a aparecidolatria. Alegou, então, contra todas as evidências, haver Pedro I estado em Aparecida com o fim de rezar diante da imagem, na oportunidade em que pernitoiu em Guaratinguetá, quando de sua viagem do Rio de Janeiro a São Paulo, onde proclamara dias seguintes a Independência de nossa Pátria.

Desprovido de qualquer pejo, reivindicou o clero a passagem por Aparecida do coração de Dom Pedro I, quando, em 1972, foi de Portugal trazido em definitivo para o Brasil. Desprovido de qualquer pejo e sem o receio de ser desmascarado porque o povo evita o trabalho de raciocinar, pois em 1822 nada existia em Aparecida, além da pequenina e tosca capela no alto do Morro dos Coqueiros, construída pelo ganancioso padre Vilela. Aparecida continuava ainda incógnita do beatério. Aparecida era ainda o Morro dos Coqueiros. E só Morro dos Coqueiros.

As estatísticas dos últimos anos demonstram intensificar-se entre o nosso povo o culto aparecidolátrico. s números abaixo comprovam nossa assertiva:

	ANO 1971	ANO 1972
BATIZADOS	16.303	18.892
COMUNHÕES	1.383.053	1.628.140

A SANTACAP, de cuja promoção em larguíssima escala se incumbem a Rádio Aparecida, a SANTACAP, centralizada agora na soberba basílica, com o aumento crescente dos romeiros em cada ano, demonstrado no pequeno quadro estatístico acima, é o atestado gritante de encontrar o catolicismo romano em polo diametralmente oposto ao Evangelho, o que o torna absolutamente refratário à Bíblia, a Palavra de Deus.

Catolicismo é idolatria

em todas as suas formas ignóbeis e alienantes de Deus.

O Ecumenismo, pois, é ridícula fanfarronada. Ridícula fanfarronada com a vil missão de assinalar os apóstatas misturados entre o povo de Deus.

8. A ROSA DE OURO

No dia 15 de agosto de 1967, ano comemorativo do 250.º aniversário do encontro da imagem de terracota no Porto de Itaguassú, a basílica de Aparecida recebeu das mãos do cardeal Amleto Giovanni Cicognani, legado "a latere" de Paulo VI, uma ROSA DE OURO, munificência do sumo pontífice. Esta ocorrência serviu para assanhar a aparecidolatria. Mobilizaram-se todos os recursos a fim de assinalar o evento com estrepitosas solenidades.

Esculpida pelo prof. Mário de Marchis, constituiu-se numa jóia. Dois grandes ramos com folhas e botões de ouro se entrelaçam até o vértice onde se desabrocha a rosa, também de ouro. No lugar do pistilo da rosa engasta-se um opérculo, uma cápsula, que contém bálsamo do Peru e pó de almíscar, significando a fragrância da rainha das flores. Entre os dois ramos encontra-se esculpido o emblema de Paulo VI, pois ambas, a mariolatria e a papolatria, andam de parilha. E na base lê-se a seguinte inscrição: "Paulus VI PM – Apparitiopolitanae aedi sacrae B.M. Virgini Imm. – DD.III Non. Mar. A + MCMLXVII".

A outros santuários marianos, como Guadalupe, Fátima e Lourdes, o pontífice Montini tem, outrossim, contemplado com semelhante presente régio. ós, os brasileiros conscientes da espoliação sofrida pela nossa Pátria, quando, ao tempo de sua Colonização, os clérigos carregaram o nosso ouro e transformaram Portugal num mero entreposto na execução dos seus planos de exorção e chantagem carreando essa nossa riqueza para os depósitos do romano pontífice; nós, os brasileiros conscientes, sentimo-nos indignados com esse gesto de Paulo VI, pois desejamos que, em nome da Justiça, ele repare os crimes praticados contra o Brasil, devolvendo todo o nosso "metal precioso" guardado nos seus cofres vaticanos.

Dispensaríamos de bom grado o envio da ROSA DE OURO feita com as nossas próprias riquezas há séculos de nós roubadas. e esse presente se constitui num sarcasmo à Nação Brasileira espoliada em seus bens naturais pelo clero romanista, a ROSA DE OURO expressa sobremodo o contexto católico-romano de todas a eras. om efeito, expressa o catolicismo pós-conciliar, ainda mais alvorotado na mariolatria, porque ao benzer na Capela Sixtina, aquela jóia, em 5 de março de 1967, quando a liturgia romana assinalava o IV Domingo da Quaresma, chamado Dominica Laetare ou Domingo das Rosas, o pontífice declarou na presença de uma representação brasileira: "No Santuário de Nossa Senhora Aparecida, ela (a rosa) dará testemunho de nossa constante oração à Virgem Santíssima para que interceda junto de seu Filho pelo progresso espiritual e material do Brasil (...) Vamos a Maria para chegar a Jesus. Amando desse modo Nossa Senhora, poderemos compreendê-la em sua real grandeza e, através dela, chegaremos ao Cristo, filho de Deus".

Dispensam-se profundos conhecimentos bíblicos para se constatar à luz do Evangelho os absurdos desse pronunciamento do papa.

Se as palavras pontifícias proferidas na oportunidade da bênção da ROSA DE OURO demonstram a relutância, a procrastinação, do catolicismo na idolatria, apesar da farta propaganda de suas reformas levadas a efeito pelo Concílio Ecumênico Vaticano II; se o envio dessa jóia é um insulto do clero romano ao Brasil, vilipendiado e espoliado por ele desde os primórdios de sua Colonização, quando aqui aportaram os primeiros missionários do embuste, a ROSA DE OURO comprova outra vez ser o catolicismo, embora rotulado com terminologia bíblica, a continuação e a sustentação do paganismo antigo.

Catolicismo e paganismo se equivalem porque são idênticos. Ou melhor, o catolicismo é o nome atual do paganismo encarregado de enxovalhar os vocábulos mais sagrados, inclusive o Nome Sacrossanto de Jesus Cristo. nde terá ido buscar o catolicismo a prática de se oferecerem Rosas de Ouro senão no paganismo antigo? Efetivamente, na mais longínqua antiguidade o paganismo celebrava a chegada da primavera e a uberdade da terra com típicas festas populares e cerimônias religiosas aos seus deuses, destacando-se as procissões quando o povo levava braçadas de flores e as depositava nos altares dos seus templos.

O catolicismo, ao encampar quase todas as práticas do seu antecessor pagão, adotou também essas comemorações. Na Idade Média, quando o romanismo usufruiu o seu apogeu, recebia-se a primavera como a vitória sobre o inverno com procissões presididas por sacerdotes e bispos, em que os fiéis desfilavam portando flores colhidas nos campos e jardins, cristalizando-se assim o costume pagão. No século X a festa passou a ser celebrada no IV Domingo da Quaresma, Dominica Laetare, que sempre cai no princípio da primavera da Europa. Este domingo se apresenta como um parêntesis de alegria no tempo penitencial da Quaresma, o período precedente à semana chamada santa.

Neste dia, então, o papa em Roma presidia a procissão das rosas – daí o domingo se cognominar também o Domingo das Rosas – levando uma ROSA DE OURO com a determinação de oferecê-la a altos dignatários, igrejas ou instituições religiosas. Encontra-se uma referência documental do ano de 1049 do fato de haver o papa Leão IX lembrado "a obrigação determinada ao mosteiro das religiosas de Santa

Cruz de Tulle (Alsácia), em recompensa de terem sido isentas da jurisdição do bispo local e sujeitas diretamente ao sumo pontífice, do envio anual de uma Rosa de Ouro ou de doze onças do precioso metal" – que o papa destinaria, posteriormente, a eventuais ofertas.

A prática de se oferecer a Rosa de Ouro a santuários, catedrais, igrejas, dignatários eclesiásticos, príncipes, reis, imperadores, firmou-se como tradição e multiplicou-se enormemente durante o período de permanência dos papas em Avinhão (1305 – 1378). Dessa época, quando se compôs a fórmula de sua bênção especial, expressando os seus simbolismos, até o século XV, a dádiva consistia apenas em uma rosa que, freqüentemente, tinha também uma pedra preciosa incrustada. A partir desse século, especialmente depois do papa Sixto V (1471 – 1484), acrescentaram-se-lhe ramos, folhas e botões, mantendo-se, com freqüência, as incrustações de pedras de rara beleza e alto valor. Têm sido oferecidas rosas valiosíssimas. Sabe-se lá quanto ouro brasileiro, transubstanciado nessas flores, já anda espalhado mundo afora, enquanto nosso País se submete a ingentes sacrifícios na ânsia e na busca de melhores condições, que o libertem do subdesenvolvimento.

Em 1886, Leão XIII, num impulso escandaloso de munificência perdulária, ofereceu à Rainha Cristina, regente da Espanha, uma Rosa de Ouro composta de 9 flores, 12 botões e 100 folhas – tudo em ouro – sobre um vaso artisticamente trabalhado. E sendo a Aparecida um capítulo integrante da estrutura idólatra do catolicismo, fica-lhe bem uma Rosa de Ouro, reminiscência de antigas práticas pagãs... Com a rósea e áurea honorificência, "o papa deseja honrar a riqueza espiritual do Brasil".

Ofereceu-a ao santuário de Aparecida por se concentrar no culto a Maria toda essa riqueza. Sua entrega, a fazer juz ao seu valor intrínseco, ao seu simbolismo e à sua finalidade, deveria revestir-se de grande pompa. Começaram estas com a especial distinção de ser o portador da preciosa jóia, o cardeal Amleto Giovanni Cicognani, designado por Paulo VI o seu legado "a latere" para vir de Roma ao Brasil investido no munus de, em seu nome, depositá-la no altar da Senhora de terracota. O clero mobilizou todo o seu arsenal de recursos no sentido de recepcionar, à altura de sua dignidade, o cardeal legado. Em sendo outrossim o papa chefe de um Estado, o Vaticano, cabia ao Governo Brasileiro a tarefa de distinguir o "nobre" representante com as honrarias atribuídas aos chefes de Estado.

A sagacidade do clero é inexcedível... Juntaram-se dois acontecimentos: o religioso e o político. Entrelaçaram-nos os padres, porque, na conformidade de seus propósitos, o acontecimento religioso do 250.º aniversário de Aparecida deveria provocar um acontecimento político a envolver as mais destacadas autoridades da Nação. Governadores Estaduais, chefes militares, ministros e o próprio Presidente da República, o Marechal Costa e Silva, lá compareceram no dia 15 de agosto de 1967. O pontífice, o soberano do clero, ao enviar a ROSA DE OURO como símbolo religioso, aproveitou a oportunidade para, como chefe de Estado do Vaticano, estreitar relações políticas com os políticos brasileiros. Nesse intento, pois, ofereceu ao Presidente Costa e Silva um crucifixo de ouro trabalhado, do século XIX, que pertencera a um célebre poeta francês. Esta peça riquíssima fica assentada num pedestal de oliveira.

Ao Governador Abreu Sodré, de São Paulo, enviou uma medalha também de ouro. Quanto ouro! E se propala a notícia sobre a pobreza dos padres...

O Presidente da República compareceu. Fizera-se acompanhar de sua esposa. Blindara-o rígida segurança sob a responsabilidade de 1.800 policiais. Por acaso faltaria à Senhora Aparecida poder para protegê-lo? De fato, alguns incidentes provocaram desapontamentos. O Presidente chegou de avião no aeroporto da Escola de Especialistas de Aeronáutica de Guaratinguetá. Muitos jornalistas o aguardavam. À última hora, porém, cancelou-se o valor das credenciais fornecidas pelo Comando da Escola e os rapazes da imprensa ficaram impedidos de se aproximarem do Supremo Mandatário da Nação.

Na via Dutra, porque o legado do papa fora de automóvel de São Paulo a Aparecida, 7 km antes de São José dos Campos, três dos carros da comitiva do cardeal se chocaram causando vítimas. A grande massa popular postada fora da basílica no aguardo do pontifício "a latere", sofreu a inclemência da chuva intermitente e imprevista. E o acidente automobilístico provocou o atraso da chegada do cortejo cardinalício, obrigando os devotos à penitência mais prolongada das intempérides meteorológicas. Estas ainda motivaram à última hora alterações em todo o programa. Os aborrecimentos, todavia, foram um pouco compensados com alguns incidentes jocosos.

"A Folha de São Paulo" (16 de agosto de 1967) relata: "Enquanto o cardeal-legado não chega, o padre Antonio Siqueira, vigário da basílica, fica no microfone. É quem provoca alguns sorrisos do Marechal e muitos da assistência. Seu apelido é "Dom Camilo", por sua semelhança física e modos 'acaiprados' de se dirigir ao público. Durante uma hora fez o povo dar vinte vivas a Nossa Senhora Aparecida, ao Presidente, ao cardeal-legado, às autoridades, a todo mundo. Depois da cerimônia, voltaria a puxar vivas e alertar, pelo microfone, os romeiros sobre o perigo de ladrões por lá". É! Ao Exercício sobravam razões quando montou um dispositivo policial tão rígido em torno da pessoa do Presidente.

Se junto da Senhora Aparecida, há tantos ladrões que numa solenidade importantíssima, o vigário da basílica se vê na contingência de prevenir os fiéis contra os "lanceiros", por que confiar na "santa"? Se ela não protege os seus devotos dos ladrões, acaso protegeria o Presidente de algum terrorista? Ainda em seu exemplar de 16 de agosto de 1967, "A Folha de São Paulo" conta: "Durante a cerimônia religiosa, Costa e Silva saiu do seu ar sério e compenetrado. Um padre, junto com Dom Antonio Macedo, lhe trouxe, em pergaminho, a ata da solenidade da entrega da Rosa de Ouro". Queria seu autógrafo no pergaminho, depois pediria o de todas as autoridades civis ali presentes...

O Presidente não conseguia escrever com a pequenina caneta, especial para tinta nanquim. E

borrou a sua assinatura depois de várias tentativas. Rindo, disse ao padre que, "quando virem isso, vão pensar que o Presidente era analfabeto". A "sagrada fome de riquezas" rói o coração do clero. Dinheiro é a sua máxima preocupação. Enquanto fotógrafos e cinegrafistas, durante as solenidades, procuravam fixar o legado papal nos mais diversos ângulos, o então núncio apostólico, Dom Sebastião Baggio, comentou em italiano: "se cada foto valesse um dólar, V. Excia. seria milionário".

Exposta na basílica de Aparecida, junto com a suntuosidade do templo e junto com a imagem, o móvel central de tudo, a Rosa de Ouro, "símbolo de Maria, a Rosa Mística, invocada na Ladainha Lauretiana", se tornou também objeto de culto. Diante dela os pobres devotos se ajoelham e através dela almejam obter bênçãos da padroeira.

Com os intestinos roncando de fome se prostram diante do ouro... Jesus multiplicou pães para saciar os famintos e o papa multiplica rosas de ouro para, insultando a pobreza, agrilhoar as almas na escravidão da idolatria. Esquece-se o papa do Precioso Sangue de Cristo, o Cordeiro Imaculado e Incontaminado... E exhibe ouro, como se ouro pudesse resgatar o pecador de sua vã maneira de viver (1 Pedro 1:18-19). Ao mencionar a "vã maneira de viver", o apóstolo Pedro se referia ao culto de imagens taxado pela Bíblia com as expressões mais contundentes como mentira, idolatria, falsidade, engano, adultério, prostituição e vaidade.

9. A SANTACAP, CENTRO DE TURISMO

"A Capital Brasileira da Fé" é considerada um dos maiores centros de peregrinação do mundo. Eis o motivo principal para transformá-la num grande local de turismo. Como se encontra, a cidade de Aparecida é um escândalo de miséria. Miséria de higiene nos insuficientes restaurantes. Miséria nos sanitários integrados numa miserável e obsoleta rede de esgotos que despeja o volume de detritos no Rio Paraíba, emporcalhando as águas onde fora descoberta a rica imagem e que serve para desalentar e envenenar a população. Miséria de água, porque além de poluída, se esforça por chegar às torneiras através de um serviço hidráulico de mais de 30 anos passados. Miséria de planejamento, a causa de subir o casario colina acima, saturando desordenadamente a topografia.

Um grupo investidor da Capital Paulista decidiu aplicar bilhões de cruzeiros no intento de tornar a cidade-santuário no principal centro de atração turística e religiosa da América do Sul. "Empreendimentos Nossa Senhora Aparecida" é a sociedade limitada que se propõe a, numa área de 40 alqueires, construir o Parque de Aparecida, o super-centro turístico-reeligioso. Nele encontrar-se-á tudo para uma permanência mais prolongada dos romeiros e turistas na cidade. Planejam-se terrenos ajardinados, arborizados e urbanizados, com locais próprios para as crianças brincarem e guardas especialmente treinados para cuidar delas.

Uma lagoa com barquinhos, aves decorativas e pequenos iates para passeios fluviais pelo Paraíba completarão o panorama ecológico. Um jardim zoológico e outro botânico exibirão a fauna e a flora brasileiras. Um museu iconográfico exporá as imagens mais veneradas em todas as regiões do Brasil. Capelas votivas recolherão os ex-votos. Reproduzir-se-ão os mais famosos santuários do mundo (Fátima, Lourdes, Guadalupe, El Pilar e Luján) facilitando a organização de festas religiosas com a participação das colônias correspondentes no Brasil.

Lances da História Pátria serão recordados na cidade colonial, com instalações nos moldes da Disneylândia, que reproduzirão fortes e outras construções do Brasil Colônia, e pequenas lagoas terão réplica das caravelas de Cabral. Uma estação rodoviária, dotada de "shopping center" bares e restaurantes, receberá os ônibus de excursão. Repetir-se-ão por todo o Parque as casas de lanche, churrascarias, estacionamentos e postos de serviço. Instalar-se-ão motéis para hospedagem de famílias com carros em pequenos bangalôs. Um enorme e confortável hotel oferecerá acomodações completas para as classes A e B.

Um teatro com concha acústica e auditório ao ar livre apresentará peças de temas religiosos, cívicos, clássicos e folclóricos, e também concertos musicais, danças típicas e missas campais. Charretes e trenzinhos conduzirão os devotos-turistas a diversos passeios. Um bondinho aéreo do tipo monotrilha circulará por toda a extensão do Parque e também fará ligação com as duas basílicas, propiciando nas estações elevadas mirantes e bares. A Associação dos Romeiros de Aparecida, uma entidade religiosa já existente, terá a sua sede social, com restaurantes, piscinas, salas de repouso e de leitura, campos e quadras para a prática de esportes diversos, auditório, cinema, capela e outras dependências.

O grupo "Empreendimentos Nossa Senhora Aparecida" lançou em fins de 1967 o projeto mirabolante. No dia 6 de janeiro de 1968, o cardeal Agnelo Rossi, então arcebispo de São Paulo, celebrou missa no Mosteiro de São Bento a impetrar o amparo da Senhora Aparecida sobre os idealizadores presentes e genuflexos. Benzeu a maquete e os projetos da ARA ("Associação dos Romeiros de Aparecida") e entronizou a imagem aparecídica nos escritórios centrais da ENSA ("Empreendimentos Nossa Senhora Aparecida"), instalados em São Paulo, à Rua Boa Vista, 314. Fecundados os projetos e os planos com as bênçãos cardinalícias de Agnelo Rossi, a ENSA passou a promover a venda de quotas de valor imobiliário e comercial capazes de oferecer o direito à participação nos lucros em forma de renda mensal crescente e reajustável.

A vasta propaganda feita pela grande imprensa, sob o título: "VAMOS TRANSFORMAR APARECIDA NA MAIOR CIDADE-SANTUÁRIO DO MUNDO", anunciava: "O preço de lançamento da QUOTA TOTAL é de

Cr\$ 655,00, fixo e não reajustável, a ser pago da seguinte forma: Cr\$ 55,00 de entrada e 30 prestações mensais de Cr\$ 20,00. Propunha-se a ENSA dar imediato início às obras, que deveriam ser entregues por etapas e concluídas totalmente até 1970. Decerto a bênção de Agnelo Rossi redundou em maldição, pois já nos encontramos em fins de 1974, quando se prepara a 10ª Edição deste livro, e as obras nem começadas foram. Continuam restritas à maquete e aos engavetados projetos.

Quem sabe se no futuro outra bênção cardinalícia será mais forte do que a do Rossi ou a Senhora Aparecida se compadecerá de outros empreendedores propiciando-lhes a exploração de um negócio rendosíssimo.

10. OS MILAGRES DE APARECIDA

O melhor processo criado pelo inferno para enganar os inadvertidos, anestesiando a consciência do pecador e confundir a pureza límpida do Evangelho foi o dos "prodígios miraculosos". O milagre autêntico só pode ser realizado pelo poder de Deus, pois se trata de um fenômeno que se dá além ou acima das leis da natureza, mudando o seu curso normal num caso particular. Jesus ao praticar muitos milagres tinha em mira patentear a Sua Divindade. Nicodemos mesmo reconheceu-a por isso (João 3:2).

O cristão aceita o milagre, porém, dentro das normas da Bíblia, a sua Única e Exclusiva Regra de Fé e Prática religiosa. Portanto, todo o prodígio contrário às normas e aos ensinamentos da Revelação Divina contida na Bíblia, não procede de Deus. Com efeito, Deus ameaça com terríveis castigos aqueles que acrescentarem ou retirarem dela qualquer coisa (Apocalipse 22:18-19). Ninguém tem o direito de acrescentar nada à Palavra de Deus e quem o fizer é mentiroso (Provérbios 30:6). Em matéria religiosa, tudo o que estiver fora da Bíblia é um acervo de mentiras.

Satanás tem muito interesse em perverter as almas, apresentando-lhes doutrinas espúrias, contrárias à Revelação de Deus. Os seus sequazes andam soltos, fazendo prodígios até em nome de Deus! Relativamente a estes é que Jesus advertiu: "Muitos Me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em Teu Nome, e em Teu Nome não expulsamos demônios e em Teu Nome não fizemos muitas maravilhas? E, então lhes direi abertamente: nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade" (Mateus 7:22-23).

Esses prodígios são iniquidade!!! Mesmo feitos em Nome de Deus, mas contra Sua Santíssima Vontade revelada na Bíblia! É uma iniquidade o que o clero pratica no Brasil, ludibriando o povo! A Bíblia é categórica em proclamar: "Há um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem" (1 Timóteo 2:5). A Bíblia é peremptória ao preconizar: "De tanto melhor concerto Jesus foi feito fiador... Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hebreus 7:22 e 25).

A Bíblia, repito, é explícita ao anunciar: "...se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E Ele é a propiciação pelos nossos pecados..." (1 João 2:1-2). Todo o Novo Testamento revela a Total Suficiência de Jesus Cristo, como Salvador, Mediador e Advogado. Enganaram-se muitos evangélicos ao supor que o romanismo com o seu Concílio Ecumênico Vaticano II estaria disposto a reformar suas doutrinas nefastas, aproximando-se da Palavra de Deus e aceitando Jesus Cristo como Único e Todo-Suficiente Salvador, Mediador, Intercessor e Advogado. O romanismo, porém, confirmou os seus velhos dogmas, contrários à Bíblia e engendrou outros...

Negando ao Nosso Bendito Salvador a exclusividade restrita e conseqüente de todos aqueles atributos, em discrepância absurda da Bíblia, exalta Maria como advogada, auxiliadora, protetora, medianeira, aberrando dos ensinamentos claros de Deus. Engajada nesse mesmo torvelinho de heresias está a Senhora Aparecida sobre quem o cardeal Vasconcelos Motta, arcebispo de sua Arquidiocese, escreveu, em 1º de janeiro de 1967, para comemorar o 250º aniversário da falcatura, uma carta pastoral, classificada pelo chaleirismo do órgão católico: "O São Paulo" (22 de janeiro de 1967) como "um tesouro de magistério".

Nesse "tesouro de magistério" – magistério do inferno porque absolutamente contrário à Revelação Divina e, ignominiosamente depreciador de Jesus Cristo! – nesse "tesouro de magistério", repito, falando da Senhora Aparecida, como medianeira, advogada e intercessora, saiu-se o cardeal aparecidopolitano com esta heresia blasfema: "Ora intercedendo por nós, embora pecadores, a maior santidade, o maior nome e a maior dignidade, como poderá resistir a Justiça Divina ou negar a Sua Misericórdia a uma tão forte, suave e poderosa intercessão? Intercessão é o meio entre dois extremos; para ser poderosa e eficaz, há de tocar a ambos: Deus, a quem intercede, e os pecadores, por quem intercede. E a Senhora posta entre Deus e os pecadores, quão chegada é a um e a outro extremo? É tão chegada a Deus que só lhe falta ser Deus; é tão chegada aos pecadores que só lhe falta o pecado".

Confrontem-se essas expressões pós-conciliares com a doutrina de Deus demonstrada nos versículos bíblicos acima citados. São incompatíveis! Torna-se evidente que os "milagres" da Senhora Aparecida não procedem do poder de Deus porque não são consentâneos com a Sua Vontade expressa em Sua Revelação, a Bíblia Sagrada. Procedem, sim, do inferno para perverter as almas! Constituem-se na marca da apostasia!!!

Os seus pregoeiros e divulgadores se aliam com os falsos profetas referidos por Jesus Cristo (Mateus 24:24). A religião dos crendeiros aparecidanos consiste em fazer promessas e esperar milagres. Anestesiados pelas mentiras ridículas com que os padres os ludibriam, por qualquer pretexto, fazem seus votos à "santa" pescada em Itaguassú. A excêntrica "sala de milagres" revela como são entorpecidos na prática de uma religião de fábulas e embustes. O devoto faz a sua promessinha de mandar uma fotografia para ser exposta na "sala dos milagres", mas, ao mesmo tempo, coloca na pereba a pomada que o "doutor" receitou. Quando sara, foi milagre da Aparecida. Se não melhora, o médico é que não presta!

A moça se apavora com a possibilidade de ficar solteira e embarca, para se livrar dessa conjuntura, no primeiro bonde que aparece; e manda as tranças dos seus cabelos, como ex-votos, para serem dependuradas na "sala dos milagres". Quem lucra são os padres porque as vendem caríssimo aos fabricantes de perucas... Um time de futebol sagra-se campeão de qualquer torneio, os seus jogadores vão em romaria, levar à "incomparável" as esmolas das promessas. No concurso de miss-Brasil, em 1956, ouvi pelo rádio o general Porfírio da Paz, devotíssimo aparecídico, invocar as bênçãos da Senhora Aparecida em favor das beldades semi-nuas.

Durante três anos freqüentei assiduamente a basílica e jamais vi um milagre... Milagre, milagre mesmo, isto é, ressuscitar um morto, como Lázaro (João 11:1-45), dar vista a um cego de nascimento (João 9:1-7), fazer aparecer um braço no lugar do amputado, colocar um pulmão novo no lugar do extraído... ela nunca fez! A Senhora Aparecida é tão incapaz em matéria de milagre que é uma coitada! Garanto que, se cair seu nicho, espatifar-se-á no chão!!!

A sua cidade está cheia de aleijados, estropiados e cegos a mendigar pelas ruas. Se os padres abastados de ouro e dinheiro não os socorrem porque são avarentos, a Senhora Aparecida, de sua parte, nem lhes dá atenção aos gemidos. Ela é tão coitada que não tem poder nem de curar de lombrigas as crianças dos seus devotos. Por isso, a sua emissora faz propaganda de vermífugos. Frustra-se o diabético que se socorre de sua valia... Os padres da basílica, então, reconhecem-na tão fraquinha que, por meio do seu jornal, lhe recomenda o "corpo medicinal". Reconhecem-na tão ineficiente que, aos devotos alcoólatras, aconselham produtos farmacêuticos. O "Santuário de Aparecida", "órgão oficial da Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida", desapontou-se tanto com a impotência da "incomparável" milagrenta que, a par da propaganda de produtos farmacêuticos, veiculada em suas poucas e desengonçadas páginas, abriu um "Consultório de Medicina Caseira", sob a responsabilidade do Frei Esculápio.

Ainda mais desapontados devem estar os seus devotos com a retumbante demonstração de impotência da "incomparável senhora" verificada na oportunidade da fuga da urso "Negrito" de sua jaula. Os supersticiosos cismam com o dia 13 e pior ainda quando cai de sexta-feira. Para aumento do medo deles o fato ocorreu no dia 13 de setembro, sexta-feira, de 1968.

Um cidadão aparecidólatra, residente em Avaré, Estado de São Paulo, leu esse fato numa das edições anteriores deste livro. Revoltado, quis uma entrevista comigo. Interrogado sobre a fonte de informação a respeito, retruquei-lhe com a pergunta sobre o jornal que considerava mais sério e absolutamente idôneo em suas notícias. Respondeu-me ser "O Estado de São Paulo", "um dos jornais mais importantes do mundo". Eis o relato desse órgão da imprensa paulista em seu exemplar de 14 de setembro de 1968: "A urso 'Negrito' escapou ontem de manhã de sua jaula no Zoológico de Aparecida do Norte, impôs à cidade três horas de pânico e medo, e acabou sendo capturada graças à habilidade do 'capitão Álvaro', domador do Circo Berlim, ora se exibindo na cidade. Uma guarnição do Corpo de Bombeiros e tropas da Força Pública e da Escola de Aeronáutica foram enviadas com urgência ao local". Depois de pormenorizar a fuga, prossegue o órgão:

"A notícia espalhou-se, rápida, pela cidade, causando pânico. O socorro veio rápido também: Corpo de Bombeiros, soldados da Força Pública e da Escola de Aeronáutica da FAB, e todos os que supunham ter condições de ajudar. Evitou-se atirar em 'Negrito', mas o trabalho para recapturá-la foi exaustivo e cheio de perigos. Por volta de meio-dia e meia todos já estavam ficando exaustos e desalentados, quando o domador 'Capitão Álvaro', usando o laço com habilidade, conseguiu imobilizar a fera. Sangrando um pouco no focinho, 'Negrito' voltou à jaula, vigiada, agora, com atenção redobrada".

Por que a mobilização de tantas forças? Por que tamanho aparato bélico? Lá não estaria a "santa" Aparecida para proteger os habitantes da cidade onde se instalou o seu trono? Não é ela a "incomparável" protetora? Acaso assustara-se a Cidoca com os 2 metros de altura e os 480 kg de peso da fera, que come, por dia, 40 kg de polenta, 20 de maçãs, 5 de verduras e 1 litro de mel? A "incomparável" protetora nem se apiedou do pobre veadinho-campeiro estraçalhado pela urso, que, na hora da fuga, o arrancou da jaula. Porque nenhum aparecidense confia realmente na "santa", o alívio só aconteceu quando todos se certificaram do reenjaulamento do animal feroz. A Senhora Aparecida, no entanto, foi desmoralizada na sua impotência com a manchete de alguns jornais: "Urso Causa Três Horas de Pânico" (O Estado de São Paulo de 15/9/68); "Diabo Esteve à Solta 3 Horas em Aparecida do Norte" (Diário da Noite, de igual data).

Em Aparecida se concentram, por ser excelente mercado, numerosos vendedores de bilhetes de loteria federal. Preferem os devotos-romeiros fazer a sua fézinha na SANTACAP porque, quem sabe, o palpito será abençoado pela "incomparável" Senhora com a sorte grande. No dia da fuga da "Negrito" todos os gasparinos foram vendidos e os bilheteiros ficaram impossibilitados de atender o enorme volume da procura. O resultado da loteria, porém, desapontou os apostadores: não "deu urso"!

A SANTACAP é o reduto da idolatria com todas as suas trágicas conseqüências. Como IDOLATRIACAP é ROUBOCAP. EXPLORAÇÃOOCAP. MISÉRIACAP. PROSTITUIÇÃOOCAP. DESGRAÇACAP. Os ladrões e marginais agem dentro e fora da basílica. Lá estão os lanceiros batendo carteiras. E que autoridade têm os padres redentoristas se querem coibir semelhantes crimes? Se eles exploram a credulidade pública! A exploração desbragada campeia no comércio. Nas lojas, inclusive dos clérigos, o que controla o preço é a aparência do freguês, que nem sempre consegue nota fiscal da mercadoria comprada. Faz milagres a Senhora Aparecida? Por que, então, não purifica o ar de sua cidade, empestado pelo mau cheiro exalado do Rio Paraíba, onde se despeja o esgoto da cidade?

Por que ela não cura os miseráveis que se arrastam, mendigando, pelas ruas, como opróbrio da humanidade? Será que tão dolorido espetáculo não a comove? Por que ela não faz o milagre de converter os padres em seres mais humanos? Por que ela não sensibiliza os seus devotos romeiros excitados pelas raparigas, em número elevadíssimo, impedindo-os de entrar nos bordéis, onde se corrompem os corpos com a sífilis e doenças venéreas? Por que ela não regenera essas desgraçadas mulheres traficantes de suas próprias carnes? Essas mulheres que se instalam em Aparecida exatamente por ocorrer lá maior procura do que a oferta?

Sim! A responsabilidade de tantas misérias materiais e morais recai sobre a idolatria, ensinada, divulgada, incrementada e explorada pelo clero... A Senhora Aparecida é uma "incomparável" ingrata! Permite que recaiam sobre a sua cidade e o Vale do Paraíba as piores desgraças justamente quando lhe são oferecidas as mais solenes homenagens. Não se constrói agora a sua grande basílica, um dos templos mais soberbos do mundo?

O povo não tem aumentado as romarias em sua honra, quando em multidões se prostra adorante aos seus pés? Não lhe foi oferecida uma ROSA DE OURO, símbolo do seu título de Rosa Mística e munificência do papa, o cognominado vigário de Cristo na terra? Para o seu culto o povo pobre não tira da miséria dos seus filhos? Ingrata!!! Sim, ingrata, mil vezes ingrata que ela é!!! No Vale do Paraíba nunca se ouviu falar em esquistossomose. Mas, em 1953 – no ano seguinte ao do início das obras da nova basílica – aconteceu o primeiro caso. E hoje a esquistossomose infesta todo o Vale do Paraíba. A praga está ali debaixo dos olhos da "miraculosa" Senhora, minando a saúde de milhares e milhares de pessoas.

Já em 1967, no ano da entrega da ROSA DE OURO, o Instituto Adolfo Lutz, de Taubaté, informou haver na região da Senhora Aparecida, 2.161 casos comprovados de doentes de esquistossomose, distribuídos da seguinte forma, cidade por cidade:

Taubaté: 474 Roseira: 359 Jambuí: 30 Monteiro Lobato: 2
Tremembé: 107 Guaratinguetá: 40 S.J.dos Campos: 243
Cachoeira Paulista: 2 Pindamonhangaba: 500 Lorena: 7 Santa Branca: 14 Quiririm: 1 Aparecida: 118
Çapava: 152 Jacaré: 4 Redenção da Serra: 5

Note-se: a incidência do mal se acentua nas cidades mais próximas de Aparecida. Roseira, a mais próxima, por exemplo, dentre todas, se não é a menor, é uma das menores. E, em 1967, apresentou 359 casos diagnosticados!

A ingrata recompensou a sua região, em 1968, logo depois de haver recebido a rósea e áurea honorificência pontifícia, com uma longa seca. Pelo seu poder de "incomparável Senhora" se vingou dos devotos valendo-se até da meteorologia. Em Dezembro de 1967, a leitura mínima do nível do Rio Paraíba foi de 2,66m. Em 1968, no segundo domingo de dezembro, o rio tinha o seu nível fixado em 1,50m; caindo no dia 16 para 1,48m pela manhã e 1,40m à tarde. A barragem de Santa Branca, pertencente ao grupo Light (a grande empresa da energia elétrica dos principais centros industriais e populacionais do País: São Paulo e Rio de Janeiro), é uma das obras regularizadoras do Rio Paraíba. Seu objetivo é o de gerar energia nas usinas que integram o aproveitamento do Ribeirão das Lajes, abastecendo várias indústrias, como a Usina Siderúrgica Nacional, sediada em Volta Redonda. Sua capacidade é de 424 milhões de metros cúbicos por segundo e sua vazão média, no local da barragem, é de 78 metros cúbicos por segundo. Em 1968, porque os índices pluviométricos foram muito abaixo do normal, faltou água para cobrir aquela capacidade, provocando enormes prejuízos às populações trabalhadoras da região e ao próprio País.

Se a ingratidão da "santa" se revelou nessa longa estiagem, manifestou-se também com o forte temporal desabado durante meia hora apenas, em 26 de dezembro de 1968, inundando toda a parte baixa de Aparecida, e derrubando, em conseqüência, muitas casas. Casas dos pobres. Daqueles que conservam afixada na porta ou na parede da sala, a oração: "Oh, incomparável Senhora..." Retribuiu a Senhora o início das obras de sua majestosa e arquibilionária basílica, em 1953, com o início da esquistossomose no Vale do Paraíba, a proliferar assustadoramente. Que se cuidem as autoridades sanitárias porque da Senhora Aparecida, os seus devotos só podem esperar ingratidão. Que se cuidem essas autoridades porque de Aparecida as multidões de romeiros ávidos das "graças", voltarão para suas cidades, levando, como desgraçado presente o vírus da esquistossomose...

Retribuiu a Senhora a ROSA DE OURO com aquela longa estiagem e com a tromba d'água. Terá a ingrata retribuído também a criação de sua Arquidiocese? É claro! Em 1958, o ano da instalação da Arquidiocese de Aparecida, aconteceu no Vale um estado de calamidade pública com a proliferação da raiva demossina (semelhante à raiva canina, conhecida também como "hidrofobia"). É uma doença

infecto-contagiosas e se inclui entre as zoonoses, isto é, transmite-se dos animais ao homem, tornando-se letal. Primariamente, é transmitida por morcegos hematófagos (que se alimentam de sangue). Pode, ainda, ser transmitida por outras espécies de morcegos, como os insetívoros (devoradores de insetos) e frugívoros (que se alimentam de frutos). Uma das características do vírus é o seu tropismo especial pelo sistema nervoso (aloja-se de preferência nos centros nervosos da vítima) e aí, em seu reduto preferido, não pode ser combatido e o enfermo (animal ou pessoa) morre.

O único combate à enfermidade é o preventivo por meio de séria profilaxia, porque, uma vez manifestada, é impossível a sua cura. Rebanhos de gado, em todo o Vale do Paraíba, ali nos redutos da "milagrosa", foram dizimados. Muitas famílias se cobriram de luto com a morte de seus membros, embora, desesperadas, clamassem valimento da ingrata "incomparável protetora"... Em 1968, além da estiagem e da tempestade, os focos de morcegos portadores do vírus da demossina, cooperaram com a ingrata, cuja basílica havia sido enriquecida com a ROSA DE OURO, espalhando outra vez o terror nas regiões aparecídicas. A Senhora Aparecida faz-nos lembrar o mandamento do Senhor: "Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há acima nos céus, nem embaixo da terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem, e faço misericórdia em milhares aos que Me amam e guardam os Meus mandamentos: (Êxodo 20:4-6).

**Deus não tem o culpado por inocente (Êxodo 34:7).
E a Sua Glória não dá a outrem (Isaías 48:11).
Nem à Senhora Aparecida! E muito menos à Senhora Aparecida!!!**

A "santa" aparecida no Porto de Itaguassú, em 13 de outubro de 1717, foi um estratagema do falsário e ambicioso clérigo José Alves Vilela. A sua trapaça, porém, foi tão mal feita que o clero, nesse legado de abusões, não encontrou ainda elementos para transformar a fraude em matéria de fé. Até mesmo para esconder a estátua disforme, cobre-a, de alto a baixo, com um manto azul, preso com a coroa de ouro, o que lhe dá o formato de um triângulo. Apesar de tudo, porém, vão os padres enganando o povo crendeiro. A atitude favorável a essa devoção, por parte do clero, visa exclusivamente a exploração comercial dos supersticiosos.

O monge beneditino, Estevão Bettencourt, sócio dessa empresa de especulação da credulidade pública, afirma que "a bem da verdade, deve-se notar que tal atitude favorável é independente de qualquer pronunciamento da autoridade eclesiástica sobre a genuinidade dos prodígios que se narram em torno da Virgem e do santuário de Aparecida" (In PERGUNTE E RESPONDEREMOS - 71/1963, questão 5).

"A bem da verdade..." Leiam-se de novo as declarações do monge Bettencourt!

Que coisa!!!

Os reverendos proclamam tanto a eficiência da devoção à Aparecida de terracota, divulgam os seus "milagres" e expõem, em sala adequada, tantos ex-votos e não podem sair desta: nem esses "milagres" merecem qualquer pronunciamento oficial sobre a sua genuinidade... Pestes, tempestades, doenças, secas, a "ingrata" não pode impedir... E permite - o que é pior de tudo - sejam assim ludibriados os seus devotos! É mesmo uma trapaça essa Senhora de terracota! Desde menino, ouvi muitas vezes o milagre da libertação de um escravo na hora de ser, preso ao tronco, retalhado com chicote em castigo de sua fuga. Foi mentira! Isso não aconteceu.

Se quem nega a veracidade desse episódio, fosse um evangélico, logo sofreria insultos dos carolas fanáticos. Mas, quem diz ser isso uma mentira, uma lenda fantasiosa, é o devoto Fred Jorge, em seu livro: "APARIÇÃO E MILAGRES DE NOSSA SENHORA APARECIDA" (Editora Prelúdio Ltda., São Paulo, 1954). Este livro foi sacramentado com o Imprimatur, que, por delegação do cardeal e sob a chancela da cúria paulopolitana, lhe apôs o cônego J.LafaYette, posteriormente bispo auxiliar da Capital de São Paulo, e, em seguida, bispo diocesano ("ordinário") em Bragança Paulista.

Esse mesmo livro, sacramentado, indulgenciado e "aguabentado" por um solene Imprimatur do ordinário paulista, diz que, "para enumerar todas as graças concedidas seriam precisos muitos volumes de milhares de páginas..." (pág. 20). Propõe-se Fred Jorge colher alguns dentre aquela quantidade enorme, a fim de apresentá-los aos leitores. Contudo, por falta de autenticidade e seriedade nesses tantos, apresenta, uns poucos apenas, esclarecendo a sua necessidade de usar de fantasia (página 22). É! Depois de tanta fanfarronada, condessa-se fantasmagórico!

Teve razão aquele padre da basílica que, em princípios do anos de 1961, disse-me, referindo-se à Aparecida: "Ela não tem valor algum. Nós gostamos dela porque nos traz muito dinheiro".

BIOGRAFIA:

ANÍBAL PEREIRA DOS REIS

Nascido aos 9 de março de 1924 em São Joaquim da Barra, no Estado de São Paulo. Filho de católicos: Manoel Pereira dos Reis e Emília Basso Reis, desde a infância aspirou servir a Deus.

Com esse propósito, submeteu-se à ordenação sacerdotal aos 8 de dezembro de 1949, em Montes Claros, no Estado de Minas Gerais, depois de haver feito os seus estudos eclesiásticos na Faculdade Teológica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Naquela cidade do Norte Mineiro, além de professor de literatura portuguesa e de matemática, coadjutor da catedral, confessor do Colégio Imaculada Conceição, Diretor do jornal diocesano "Tribuna do Norte", Diretor Diocesano do Ensino Religioso, desenvolveu amplas atividades do setor de assistência social, criando e dirigindo o Círculo Operário de Montes Claros.

Transferido para o Recife, Capital de Pernambuco, em 1952, prosseguiu as mesmas atividades sociais à frente da Companhia de Caridade, que, sob sua administração, chegou a ser, como rede de orfanatos e asilos para velhos, a maior e a mais bem organizada obra social católica do País. Tido como excelente conselheiro, seu confessionário era procuradíssimo por muita gente, inclusive freiras e sacerdotes.

Na aspiração de melhor servir no confessionário, fez curso de neuro-psiquiatria. Vindo para o Estado de São Paulo, em 1960, foi pároco em Guaratinguetá e em Orlandia. Vastíssima folha de serviço deve-lhe o catolicismo.

Sua ânsia de conhecer sempre mais, levou-o também a fazer o curso de ciências jurídicas. Apesar de ser muito apreciado em seus trabalhos, jamais conseguiu tranquilizar o seu coração anelante. Quanto mais confissões atendia, mais o seu coração se angustiava. Ansiava ter segurança espiritual conseqüente da certeza de sua salvação.

Em 1961, começou, dirigido pelo Espírito Santo, a estudar a Bíblia com toda a sinceridade de alma. Deus lhe proporcionou, através do novo nascimento, a alegria perene de possuir segurança inabalável de sua salvação.

Com a aceitação de Jesus Cristo, como seu Único e Todo Suficiente Salvador, abandonou a batina e se afastou do catolicismo romano. Em 30 de maio de 1965, fez sua pública decisão por Jesus Cristo e a 13 de junho seguinte desceu às águas, cumprindo uma das ordenanças de Cristo.

Cumprindo determinações impostas por Deus, em seu coração, tornou-se missionário do Evangelho. Deus vem abençoando ricamente esse ministério. Sua longa experiência de sacerdote angustiado, agora se transformou em instrumento do poder de Deus para a conversão de inúmeras almas.

Foi promovido para junto do Senhor em 30 de maio de 1991.



**LEIA A SUA AUTOBIOGRAFIA:
"ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA !!!"**

ADENDO:

Teor da carta de 12/11/71 de D.Agnelo Rossi a D.Evaristo Arns.
Firma reconhecida no Cartório do 1º Ofício de Notas - S.Paulo e
AUTENTICADA no 25º Cartório de Notas - Tabela Milani em 15/12/71:

"Roma, 12 de Novembro de 1971
Exmo snr. D.Paulo Evaristo Arns,
PAX ET BONUM

Faço votos de que os seus empreendimentos à frente da saudosa Arquidiocese de São Paulo estejam se concretizando.

Tivemos conhecimento da sentença judicial favorável ao Padre Aníbal Pereira dos Reis. Certamente ele tomará medidas para proclamar e divulgar amplamente essa decisão porque isso lhe interessa. É lamentável que a sorte lhe haja favorecido. Agora, por certo, ele se inflamará ainda mais na sua pertinácia de pregador protestante.

Como seu antigo professor e observador de suas atividades como seu bispo que fui, reconheço ser ele um dos sacerdotes mais cultos do Brasil. É invejável a sua enorme capacidade de trabalho. Inteligente, culto é, ainda, teimosamente trabalhador. No momento é o herege mais em evidência no Brasil e quem mais perturba o avanço do ecumenismo. Não fosse ele e muito mais já se teria conseguido. Os seus livros, além de suas pregações, vêm causando enormes dificuldades para os nossos planos aí no Brasil. Tememos que essa literatura seja traduzida em outras línguas, o que iria alastrar o mal em outros países.

O Santo Padre, informado de tudo e apreensivo, solicita-lhe, por meu intermédio, que insista nas reuniões da CNBB para que se estudem medidas a serem adotadas para coibir e neutralizar os efeitos do trabalho desse sacerdote. Se nós o perdemos, o que foi enorme prejuízo, agora é necessário barrar-lhe a impetuosidade.

O que fazer? Como já disse, é preciso que se estudem medidas adequadas. Talvez promover alguma coisa para desmoralizá-lo entre os próprios protestantes.

Os bispos do Brasil devem se convencer de que o Padre Aníbal é o sacerdote que atualmente mais causa preocupações a Paulo VI, que está sumamente interessado numa urgente solução.

Mande-me sempre notícias, bem como recortes interessantes de jornais e revistas.

Envie-me também informações sobre o exame e as medidas a serem tomadas pela CNBB sobre o assunto Padre Aníbal Pereira dos Reis a fim de manter informado o Santo Padre.

Com um abraço de + Agnelo Rossi"

- o -

É nossa intenção tornar de conhecimento público o que realmente aconteceu, conforme o testemunho de um ex-padre, que participou ativamente da administração eclesiástica na época, e foi duramente perseguido após ter largado a batina, PARA QUE NÃO DIVULGASSE AS TERRÍVEIS TRAMAS DO SISTEMA RELIGIOSO.

Hoje ele já não mais está entre nós, mas seu nome ainda causa temor nos meios romanistas, pois seus escritos são realmente a expressão COMPROVADA da verdade, e um testemunho sempre presente do poder do Filho do Deus Vivo, o Senhor Jesus Cristo, que lhe deu a certeza da salvação eterna e o libertou das garras do inimigo.

- o -

" ...

O Conde de Assumar toparia com uma barreira formidável a lhe embargar a consumação dos seus propósitos. É que os frades eram "dos elementos mais perniciosos entre os que tinham entrado e continuavam a entrar com as avalanches, que enchiam aqueles distritos, e não só porque se entregavam desenfreadamente ao ganho como todo aquele mundo, mas ainda porque, valendo-se do seu ascendente sobre o espírito da massa, eram quase sempre os promotores de todas as desordens".

Desgraçadamente os compêndios de História do Brasil adotados por nossas escolas aureolam os padres e os frades do tempo da nossa Colonização com as glórias de heróis. Os seus autores sabem que, se disserem a verdade, os seus livros não terão guarida nos ginásios, em grande parte, dirigidos, maquiavelmente, por padres e freiras, ou deles recebem "orientação". Aquelas nossas informações, acima entre-aspeadas, são de Rocha Pombo, registradas em sua História do Brasil (Rio de Janeiro - 1905, vol 6, página 245) cuja PRIMEIRA EDIÇÃO deveria ser lida por todo intelectual pátrio.

Destaco em caixa alta a PRIMEIRA EDIÇÃO porque as subseqüentes foram criminosamente resumidas e mutiladas. Destas podaram-se todos os informes sobre os latrocínios, extorsões, atrocidades e crimes cometidos pelos clérigos missionários. A maioria dos brasileiros supõe que naqueles tempos, Portugal açambarcava todo o ouro bateado pelos lavageiros ou garimpado nos veios das rochas. Supõe-se, também, que, em tempos posteriores, a Inglaterra usurpou-o das bruacas lusitanas. Verdade é que o Reino estabelecia impostos, arrecadados pela quintagem, com o fim de beneficiar o seu erário.

Os frades, contudo, não vieram para o Brasil com a missão de catequizar. O Historiador Rocha Pombo,

no passo já referido, informa-nos que o Conde de Assumar, dentre as questões a enfrentar, tinha de se haver com a da "expulsão de todos os religiosos regulares que não tivessem naquela Província do seu domínio uma função certa, própria do seu apostolado".

Tinham esses "religiosos" (frades cognominados pela legislação romanista de "religiosos regulares") outra incumbência bem diversa da apregoada e que causou graves prejuízos ao Brasil. Vieram carrear ouro para o papa e para os seus conventos na Europa! O ouro do Brasil, em grande parte, encontra-se ainda hoje em poder do Vaticano, que o faz ocupar o segundo lugar mundial no mercado desse valor precioso, cujas reservas o papa deposita no Federal Reserve Bank, em Washington.
..."

No livro "PODER-SE Á CONFIAR NOS PADRES? " TAMBÉM DA AUTORIA DO DR. ANÍBAL PEREIRA DOS REIS, É DEMONSTRADA A INCOMPETÊNCIA INTELECTUAL E MORAL DO CLERO ROMANO QUANDO SE PÕE A DITAR NORMAS NO SENTIDO DAS REFORMAS DAS NOSSAS ESTRUTURAS SÓCIO-ECONÔMICAS. EM SEU ÚLTIMO CAPÍTULO, INTITULADO "O SUPERCAPITALISMO ECLESIASTICO É AMEAÇADO PELA INSTABILIDADE POLÍTICO-SOCIAL DA ITÁLIA", É PATENTEADO O HORROR DOS SEUS MÉTODOS DE VAMPIRO PANTAGRUELICAMENTE GANANCIOSO E SÃO RELACIONADAS ALGUMAS DE SUAS FABULOSAS E ATUAIS FONTES DE RIQUEZA.

Enquanto os brasileiros lutam desesperadamente para escaparem dessa situação de sub-desenvolvimento, estrangulante de nossas energias, o Ali-Babá do Vaticano se enriquece cada vez mais à custa dos investimentos do ouro e de outras riquezas levadas do Brasil pelos seus clérigos.

- o -

Fonte: <http://web.prover.com.br/mbm/famarte/aparecida.html>

Formatado em arquivo "RTF" por Betel Net - www.gospelbr.net/betel com o objetivo de transferir as informações contidas em sites evangélicos - Sem finalidade lucrativa.

© Os direitos autorais e de publicação do livro são de propriedade de Edições Caminho de Damasco.

